

JOAQUIM DIOGO CORREIA



Album de Saudades

NOTAS DO MEU ROTEIRO



Prólogo de

Dr. João Pires Diogo Correia

— Aos inseparáveis do meu coração :

*Minha mulher, nossos filhos
e Ana Maria, nossa querida e adorável
netinha.*

— Às memórias sagradas de meus
santos pais.

A GUERRA

Sabido que o atentado de Serajevo, na Bosnia, alvoroçou o mundo, enlutou uma côrte e fôra executado por um jóvem escolar⁽¹⁾ de Belgrado. Acendeu a primeira guerra mundial (1914/1918). Pegou-lhe o lume...

A Europa fica atónita: *estremece. Fica pávida.* Tem o sobressalto divinatório de uma hecatombe que não pode abranger na sua exacta plenitude, nem imaginar as suas consequências — que logo parecem de mau agoiro.

O inesperado evento desorienta as chancelarias colhidas de surpresa no velho marasmo da sua pacata e sonolenta burocracia cotidiana e doméstica.

Acordam, estremunhadas e aturdidas. E' um despertar excitado e muito confuso.

Que irá passar-se na velha *Europa*?

Não o sabem os seus dirigentes responsáveis. A estupefacção é geral. As reacções mal definidas revelam só uma expectativa. O céu político da Europa não clareia desde logo.

Era de mau augúrio a fáiisca que atravessara o céu calmo e limpo de Serajevo, em 28 de Julho de 1914, e que tocara de morte o arquiduque *Francisco Fernando* e a esposa do arquiduque, a duquesa de *Hophenberg*.

As primeiras reacções insinuam, por simples palpites, as posições dos futuros contendores na provável beligerância. Adivinham-se: para uns, *Serajevo*

1) — Garilo Princip

era a guerra inevitável, uma catástrofe; para outros, uma auspiciosa oportunidade, a porta gloriosa dos grandes cometimentos militares; a anunciação promissora de uma era de esplendor guerreiro; a epopeia germânica, única, incomparável, nos fastos das últimas décadas da História: igualmente a guerra! Porém, uma guerra sonhada e desejada, por estes...

Para o interior da Alemanha voltam-se olhares inquietos e desconfiados.

Serajevo é um pretexto para a Austria e para aquele país: querem a guerra — a todo o custo.

A Rússia, a Inglaterra e a França, intentam, de balde, suturar a brecha de onde se solta a cólera alemã. A Alemanha responde áqueles anseios de paz, apontando-lhes uma floresta de baionetas agressivas, já em guarda.

Ficam dois mundos em presença.

Uns, rezam com intenções pacíficas e fraternas; outros desembainham espadas e ajustam o elmo, proclamando e proclamando a guerra numa loucura colectiva que varre toda a Alemanha.

O militarismo prussiano, sempre orgulhoso e arrogante, desdenha zombeteiramente de tudo aquilo que não foi criado ou imaginado sob a abóbada do alto e glorioso céu germânico...

Toma-se de delírio imperialista, inchada do seu messiânico arianismo e da sua soberba militar intratável e agressiva. Emparceira na mesma loucura da Austria.

Louca de uma espantosa miragem, espregueada por cima da sua fronteira, desde 70, a lenta progressão da suposta desforra francesa, que lhe não dá cuidados sérios. E ela, a Alemanha, é também vigiada, nervosamente, por cima da mesma fronteira, pela França, tomada de inquietação e apoquentada, a palpitar as intenções daquela vizinhança odiosa e inconveniente. Dorme, a atribulada França, sob o pesadelo da invasão e da nova guerra, com a cabeça reclinada

nos equipamentos alinhados ao longo dos sarilhos das suas espingardas, silenciosas e assustadas.

Pletórica de armamentos e a estoirar de soberba, a Alemanha quer explodir e expandir-se. Provoca e insulta, atraída, irresistivelmente, para uma aventura que mais tarde repetiu, reincidente como se mostra, sempre, nestes espectáculos guerreiros, que a não convertem, não saciam e não demovem.

Após Serajevo, é decretada a mobilização na Sérvia, Austria, Rússia e Alemanha.

Em poucos dias de alvoroço bélico, a cavalaria alemã coalha a sua fronteira com a França.

A França não se enganara...

O Montenegro, solidário com a Sérvia, alinha desde logo corajosamente com este país, reciprocamente atraídos por concepções comuns e consanguíneas.

A Rússia e a França, são citadas pelo *ultimatum* alemão. Entre o evento de Serajevo e a declaração de guerra à Rússia e França, não decorrem sessenta escassos dias.

O histórico colapso das armas francesas, de 1870, estava ainda vivo no coração dorido da França, que não mostrava pressa nas operações de recuperação militar, que dela se esperava, ou que outros pretendiam do seu sacrifício, ingente e exclusivo.

Não as impunha o seu valente exército, nem as excitava a paixão do seu povo-calmo e prudente-que bem se sabia mal feito da sangria aberta nos flancos da Nação, naquela guerra muito recente e perdida por ela.

Seria uma experiência suicida e temerária.

A soberba alemã espumava, refervia.

A Europa observava, espectantemente, aquela orgia guerreira. A Alemanha fizera-se uma enorme caserna provida de um vasto arsenal de guerra.

Treinava a sua juventude no exercício das armas, e criava no povo a megalomania da guerra.

Os efectivos militares, que alinhava para a luta, cresciam na proporção e com o volume dos seus armamentos, em cujo fabrico a sua indústria, secreta e porfiadamente se esmerara, guardando cautelosamente as criações da sua prodigiosa inventiva, cada vez mais ambiciosa e insaciável.

A *Krupp*, gosta da guerra. Ela, a *Krupp*, deveria engolir exércitos, porque era deles que alimentava o bôjo insaciável dos seus altos fornos, sorvedouro da inocente mocidade da Europa.

Guilherme II contempla deslumbradamente o mar de capacetes de ferro das suas compactas formações militares, e abençoa as estrelas rútilas dos seus veneráveis cabos de guerra - os deuses da *Grande Alemanha*.

Deutschland über alles... é o estribilho consagrado em toda a Alemanha - a sua orgulhosa divisa de invencibilidade...

Serajevo reacendia na alma do delirante imperador a paixão dos sucessos retumbantes dos seus corpos de exército e a sua megalomania prussiana. Tem arrebatamentos de epilepsia, sublevações interiores, tocado já pelo ridículo que faz as delícias *caricaturais* das gazetas da Europa, desafectas a todos os monstros da História.

A *Inglterra*, dissimuladamente desatenta e repousadamente implantada na firme plataforma da sua brumosa ilha, mira por cima do fosso da *Mancha*, a França em sobressalto... Guarda a sua calma tradicional, que não quer-nem ao de leve-sobrevoada pela asa sinistra da águia alemã.

A catástrofe é inevitável.

Os bons officios das três potências — *Rússia*, *Inglterra* e *França*, não aquietam o excitado militarismo germânico; não conjuram o perigo; não o atalham.

A fogueira crepita, soprada pelo vento malsão

de Além-Reno, a varrer a fronteira da *França*, sobressaltada e espectante.

As forças arrumam-se: de um lado, as cruzadas da liberdade, sob o signo de Deus; contra elas, da outra banda, as baionetas nuas do despotismo germânico, eriçadas e agressivas.

A França não se refez do seu pesadelo: tem ainda no ouvido o uivo dos canhões de 70. E tem, ali bem perto, a *Alsácia* e a *Lorena* a lembrar-lhe a odisseia que a mutilou...

As centúrias prussianas voltarão, de novo, a profanar o bendito solo da França, livre e eterna! O coração deste belo país bate convulsivamente.

A expectativa é terrível, perturbadora.

Não é a desforra que a ocupa, mas a sua defesa, a integridade nacional e a paz do seu povo, de novo ameaçadas, depois de 70.

Cada parceiro busca outro parceiro na partida que havia de jogar-se no coração da França.

Portugal fala ao ouvido da *Inglterra* e confidencia com ela. Entendem-se, como dois camaradas leais e velhos — e já não é a primeira vez que se entendem e se encontram de armas na mão - ombro com ombro.

Teixeira Gomes⁽¹⁾ remete notícias apropriadas de Londres, na qualidade de ministro de Portugal junto da Coroa do *Reino Unido*. O governo Português dá-lhe pronta conformidade — e uma total conformidade.

Tal como os veneráveis *homens* das benditas eras dos antepassados do reino, Portugal empenha a honra no estrito cumprimento da aliança anglo-lusa, que subscrevera e nunca renegara. Não a havia

1) — Manuel Teixeira Gomes — mais tarde Presidente da República — exilado voluntário — que quis morrer em terra estrangeira, no silêncio da paz que lá procurou e lá encontrou.

de renegar então, como não renegou. A Inglaterra sabe isto.

O insulto alemão, desde logo apelida o nosso país de *vassalo*⁽¹⁾ da Grã-Bretanha, que sempre mostrara menos vocação para fazer vassallos do que a Alemanha o pendor para fabricar escravos e párias.

A tentadora miragem da posse e usufruição dos domínios coloniais portugueses, uma ambiciosa rapacidade, impeliam-na a bolsar insolências ofensivas da soberania de Portugal-altivo e livre.

Desta rapacidade concupiscente e desmedida, dá boa conta a publicação comemorativa do aniversário de Guilherme II — em 1915 (*kaiser zeitung des Ostheeres*) Gazeta do Kaiser — O Exército de Leste) — a *sonhar alto* — esta inconveniente e descompassada loucura imperialista:

«Uma guerra vitoriosa dár-nos-á o Congo Belga, o Congo Francês e, se Portugal continuar a traduzir por obras as suas intenções hostis a nosso respeito, também nos dará as colónias portuguesas nas costas Oriental e Ocidental da África.

«Formaremos por este modo um império colonial, tal, que os nossos pais, que sorriam zombeteiramente das nossas primeiras tentativas coloniais, jamais poderiam ter sonhado. Mas o que importa sobretudo nesta partilha provável do mundo africano, é que aniquilemos os esforços ingleses que visam o domínio exclusivo do Cabo e do Cairo. Entre o Egipto, que ainda é inglês, e o sul africano, anglo-Boer, estende-se a cintura imensa das nossas gigantescas possessões coloniais, do Oceano Índico ao Atlântico.

«Ainda inglesa dizemos nós relativamente à África Nordeste e Sul. «Porque quem sabe o que

1) — Já prisioneiros, apenas de algumas horas, alguns oficiais portugueses ouviram bem o insulto da boca de oficiais alemães, que ia mais longe: escravos da Inglaterra. Mas a caravana dos vencidos seguiu...

sucedará quando se realizar a palavra do poeta: o germanismo salvará um dia o mundo.

Nas colunas de *Kollnische Zeitung* (Gazeta da Colónia) mais este optimismo crédulo, que a dementa:

E' necessário preencher-escreve a Gazeta em 1917-as lacunas que separam as colónias alemãs de África, uni-las por estradas.

«Os enclaves estrangeiros devem desaparecer: dar-nos-ão os produtos que nos faltam nas nossas colónias antigas.

«O nosso império africano assim arredondado compreenderá o Togo, o Daomé, a Nigéria e o Camarão: depois da África Equatorial Francesa, o Estado do Congo, as antigas províncias de Emir-Pachá no Sudão, a Uganda e a África Britânica Oriental.

«Ao sul a fronteira partirá da parte meridional de Moçambique, dirigir-se-á pela Rodésia, para a África Oriental Alemã, incluindo Angola.

«A este domínio juntar-se-ão as ilhas de Oeste, Açores, Madeira, Ilhas de Cabo Verde, do Príncipe, de S. Tomé, assim como a Leste, Madagáscar.

«Obter-se-á assim um império da África Central que oferecerá à Alemanha perspectivas indefinidas.

«A Bélgica está nas nossas mãos: por isso mesmo, a Alemanha possui o Estado do Congo, se bem que esteja hipotecado à Inglaterra, como garantia de um empréstimo que consentiu. O papel de Portugal terminou, nós somos os seus naturais herdeiros em virtude de convenções.

«Portanto partes importantes do novo império africano estão-nos já assegurados juridicamente.⁽¹⁾

1) — General Ferreira Martins — *Portugal na Grande Guerra* - 1.º volume pág. 53 e 54.

Portugal, está, sem nenhuma dúvida, dentro do conflito.

Em Março de 1916, é entregue no Ministério Português dos Negócios Estrangeiros—pela mão de Rosen—ministro alemão em Lisboa, a nota⁽¹⁾ de declaração de guerra pela Alemanha a Portugal. Recordemos o seu texto:

«Senhor Ministro. — Estou encarregado pelo meu alto Governo de fazer a Va. Exa. a declaração seguinte:

«O governo português apoiou, desde o começo da guerra, os inimigos do Império Alemão por actos contrários à neutralidade. Em quatro casos foi permitida a passagem de tropas inglesas por Moçambique.

Foi proibido abastecer de carvão os navios alemães. Aos navios de guerra ingleses foi permitida uma larga permanência em portos portugueses, contrária à neutralidade, bem como ainda foi consentido que a Inglaterra utilizasse a Madeira como base naval. Canhões e material de guerra de diferentes espécies foram vendidos às potências da «Entente», e além disso à Inglaterra, um destruidor de torpedeiros. O arquivo do vice-consulado imperial de Moçamedes foi apreendido.

«Além disso foram enviadas expedições à África e foi dito então abertamente que estas eram dirigidas contra a Alemanha.

«O governador alemão do distrito, Dr. Schultze-Jena, bem como dois oficiais e algumas praças, em 19 de Outubro de 1914, na fronteira do Sueste Africano Alemão e Angola, foram atraídos por meio de convite a Naulila, e ali declarados presos sem motivo justificado, e como procurassem subtrair-se

1) — Ob. Cit. pág. 86 e 87.

à prisão, foram, em parte, mortos a tiro, enquanto os sobreviventes foram à força feitos prisioneiros.

«Seguiram-se medidas de reforsão da tropa colonial. A tropa colonial isolada da Alemanha, procedeu na suposição, originada pelo acto português, de que Portugal se achava em estado de guerra com o Império Alemão. O Governo português, fez representações por motivo das últimas ocorrências, sem todavia, se referir às primeiras. Nem sequer respondeu ao pedido que apresentámos de ser intermediário numa livre troca de telegramas em cifra com os nossos funcionários coloniais, para esclarecimento do estado da questão.

«A imprensa e o Parlamento, durante todo o decurso da guerra entregaram-se a grosseiras ofensas ao povo alemão, com a complacência mais ou menos notória, do Governo Português. O chefe do partido dos Evolucionistas pronunciou na sessão do Congresso, de 23 de Novembro de 1914, na presença dos ministros portugueses, assim como na de diplomatas estrangeiros, graves insultos contra o Imperador da Alemanha, sem que, por parte do presidente da Câmara ou dalguns dos ministros presentes se seguisse um protesto. Às suas representações o Enviado Especial recebeu apenas a resposta de que no boletim oficial das sessões não se ENCONTRAVA A PASSAGEM EM QUESTÃO.

«Contra estas ocorrências em cada um dos casos em especial, assim como por várias vezes apresentámos as mais sérias representações e tornámos o Governo Português responsável por todas as consequências.

Não se deu, porém, nenhum remédio. Contudo, o Governo Imperial, considerando com longanimidade a difícil situação de Portugal evitou então tirar mais sérias consequências da atitude do Governo Português.

«Por último, a 25 de Fevereiro de 1916, funda-

da num decreto do mesmo dia, sem que antes tivessem havido negociações, seguiu-se a apreensão dos navios alemães, sendo estes ocupados militarmente e as tripulações mandadas sair de bordo. Contra esta flagrante violação de direitos protestou o Governo Imperial e pediu que fosse levantada a apreensão dos navios.

«O Governo Português não atendeu este pedido e procurou fundamentar o seu acto violento em considerações jurídicas. Delas tira a conclusão de que os nossos navios immobilizados por motivo da guerra nos portos portugueses, em consequência desta immobilização, não estão sujeitos ao artigo 2.º do tratado de comércio e navegação luso-alemã, mas sim à ilimitada soberania de Portugal, e, portanto, no ilimitado direito de apropriação do Governo Português da mesma forma que qualquer outra propriedade existente no país. Além disso, opina o Governo Português ter procedido dentro dos limites desse artigo, visto a requisição dos navios corresponder a uma urgente necessidade económica, e também no decreto de apropriação estar prevista uma indemnização, cujo total deveria mais tarde ser fixado.

«Estas considerações aparecem como vazios subterfúgios. O artigo 2.º do tratado de comércio e navegação refere-se a qualquer requisição de propriedade alemã em território português. Pode ainda assim haver dúvidas sobre se as circunstâncias dos navios alemães se encontrarem pretendidamente immobilizados em portos portugueses modificou a sua situação de direito. O Governo Português violou, porém, o citado artigo em dois sentidos: primeiramente não se mantém na requisição dentro dos limites traçados no tratado, pois que o artigo 2.º pressupõe a satisfação de uma necessidade do Estado, enquanto que a apreensão, como é notório estendeu-se a um número de navios alemães em

desproporção com o que era necessário a Portugal para suprir a falta de tonelagem. Mas, além disso, o mencionado artigo torna a apreensão dos navios dependente dum prévio acordo com os interessados sobre a indemnização a conceder-lhes, enquanto que o Governo Português nem sequer fez a tentativa de se entender, quer directamente, quer por intermédio do Governo Alemão, com as companhias de navegação. Desta forma apresenta-se todo o procedimento do Governo Português como uma grave violação do Direito e do Tratado.

«Por este procedimento, o Governo Português deu a conhecer que se considera como vassalo da Inglaterra, que subordina todas as outras considerações aos interesses e desejos ingleses. Finalmente a apreensão dos navios realizou-se sob formas em que deve ver-se uma intencional provocação à Alemanha. A bandeira alemã foi arriada dos navios alemães e em seu lugar foi posta a bandeira portuguesa com a flâmula de guerra. O navio almirante salvou por esta ocasião.

«O Governo Imperial vê-se forçado a tirar as necessárias consequências do procedimento do Governo Português. Considera-se de agora em diante, como achando-se em estado de guerra com o Governo Português».

«Ao levar o que precede, segundo me foi determinado, ao conhecimento de Va. Exa. tenho a honra de exprimir a V. Exa. a minha distinta consideração».⁽¹⁾

Sir Edward Grey ⁽²⁾ fez remeter ao Governo da

1) — Transcrito de «Portugal na Grande Guerra» — já citado — General Ferreira Martins.

Vo. 1.º pág. 86 e 87.

2) — Ministro dos Negócios Estrangeiros ingleses.

República Portuguesa a sua réplica àquela nota alemã:

•O Governo de S. M. estará ao lado de Portugal em face do inimigo comum e Portugal pode confiar em que a sua antiga aliada, a Grã-Bretanha, lhe dará todo o auxílio que lhe for possível ou necessário.

Era já a guerra. Que guerra?

Uma guerra nova, fora dos moldes clássicos dos conflitos armados; uma guerra de heróis anónimos e sem história; que ensinava a fazer a guerra, por muito abstruso e paradoxal que este juízo possa inculcar-se ao exame do indulgente leitor; que ensinava o soldado e o seu comando a bater-se, carregado de neve, encharcado de lama gelada e pantanosa; como podia repousar e dormir, mesmo, diante do inimigo, a uns centos de passos dele; como defender-se do gás e do ferro vomitado pelos canhões, como alimentar-se, lá, renunciando às predilecções em que nascera e se criara. Finalmente, como destruir as defesas do adversário, chamadas *accessórias*, no escuro, às apalpadelas, junto dos seus postos, e, como atacar o inimigo com os engenhos mortíferos de lançamento individual de que ainda tinha que se defender, também, colando-se bem à terra; e, ainda, como espreitar e abordar o alemão, altas horas da noite, na sua própria moradia - o parapeito - patrulhando às suas portas, a contorna-las rastejando, para lá, com *cautelas infinitas*, durante minutos eternos.

Nos seus abrigos, que eram *«tocas»* imundas, mais que fétidas, fojos miserandos, sem ar e sem luz; *dormitórios (?)* onde se empilhavam para descansar o corpo macerado e aquietar a nostalgia desesperada do abandono a que os votou, friamente, a incúria da política nacional; naqueles buracos

negros como um *forno*, covis abjectos, passavam pelo sono sobressaltado, enquanto outros companheiros, de pé, alinhados ao parapeito, embuçados, espreitavam silenciosamente, só a cochichar, a *Terra de Ninguém*, como aves nocturnas, de rosto colado ao fusil inseparável e solidário.

Os abrigos alemães, ao contrário, chegavam a ser luxuosos, construídos em cimento armado, comparados com os nossos fojos sórdidos.

John Buchan, no seu 1.º volume — *Batalha do Somme*, conta-nos (diz o erudito e eminente Coronel do E. M. Senhor Henrique Pires Monteiro em *«Portugal na Grande Guerra»*), que do lado alemão o mais extraordinário eram os abrigos subterrâneos:

«Havia um em *Tricourt*, com 9 dormitórios, e 5 aberturas de saída; tinha portas de ferro, cortinas contra gases, oleados no chão, paredes forradas e decoradas e um bom quarto de banho, iluminação e campainha eléctrica. Muitos destes subterrâneos tinham dois pavimentos; uma escada de 30 pés elegantemente adornada dava para o 1.º pavimento e outra escada igual para o pavimento inferior.

.....

.....

.....

.....

Era uma guerra de meios poderosos e desconhecidos, de processos novos, para países também poderosos.

Uma guerra sem *panache* e sem galantaria, onde não luzia a lamina nua de uma espada, nem se erguia, ao alto, um galhardete flamejante e vitorioso. Montes de munições e toneladas de ferro não

chegavam para abater um soldado. E faziam ruir catedrais e pontes, e arrazavam urbes... como lá se viu. Era esta a guerra que iamoz fazer em terra estrangeira, sem preparação para ela, como os demais beligerantes. Era uma guerra nova — toda nova — nova para todos.

Intrometida a Grã-Bretanha na disputa armada, Portugal debatia-se nas primeiras insónias — porque sabia o que devia à honra do seu passado e à sua firma.

As mães portuguesas tomam já os seus rosários, que oscilam e pendulam nas suas mãos trementes; marcam o compasso das orações, beijando a sua cruz, e já não param de rezar e de enxugar os olhos pisados e quentes.

Eu sei isto! Se sei...

Vejamos então como foi a guerra de Portugal em terras da *Flandres*.

Os quadros dos oficiais previstos para o tempo da paz não preenchiam as exigências da guerra. Por isso, tiveram de ser alargados com a improvisação de escolas de milicianos, que funcionavam nas cidades de *Lisboa, Porto e Coimbra*.

A instrução militar, ministrada nestas escolas não podia deixar de ser sumária, com o tempo muito aproveitado — em todo o caso.

De pouco valia o ensinamento da Escola de *Belém*. Tudo, geralmente, teria que aprender-se no decorrer da campanha. Nesta Escola, mais de formação cívico-militar, do que, propriamente, de técnica profissional, era desconhecida a instrução de todas as modalidades da guerra moderna, o seu material, o manejo das novas armas de combate, a sua nomenclatura, desde as granadas de mão, mor-

teiros dos vários tipos e a própria espingarda, até à metralhadora, pesada e ligeira, ao seu funcionamento, cálculo e tabelas de tiro. O que vem de dizer-se é autorizadamente confirmado pelo distinto e preclaro Coronel do E. M. senhor *Henrique Pires Monteiro* em «*Portugal na Grande Guerra*» vol. 1.º página 225 — a informar para a história das armas portuguesas em França:

«A instrução complementar das tropas portuguesas de todas as armas exijia, grandes cuidados. Um armamento novo, desconhecido para os próprios oficiais, que na sua maioria só de nome sabiam da sua existência, meios e processos de combate que a prática da guerra tinha aconselhado, novos meios de acção que se mantinham no segredo do grande público e que os próprios exércitos estrangeiros à luta ainda ignoravam, tudo teria de se aprender com rapidez e em condições de poderem os oficiais instruir devidamente as praças sob o seu comando».

Era assim. A preparação da Escola do Exército, por esse tempo chamada *Escola de Guerra*, era, do mesmo modo, pouco menos que dispensável para aquela campanha cheia de inovações — de técnica nova e variada.

Frequentava a *Faculdade de Direito* da Universidade de *Coimbra*, e tinha como certa a minha incorporação nas forças expedicionárias — para *África* ou para a *França*.

Numas férias, atravessava com meu Pai os montes do *Ponsul*, em direcção à minha aldeia.⁽¹⁾ A guerra assustava meu pai — só por mim. Falava de

1) — Malpica do Tejo.

desertores, que andariam, ali pela Espanha, em *Piedras Albas ou Alcântara*.

Não referia nomes: era uma notícia que circulava, que andava no ar...

A deserção era uma ignomínia, e ele não compreendia esse insulto feito ao Exército, essa degradação cívica. Trazia a sua honra secretamente preocupada... *sômente por mim*.

Eu comecei a compreender a sua apoquentação porque conhecia a sua intransigente e severa dignidade — a sua índole.

Calava-se, por momentos. Queria ser cauto. Não prosseguia sem antepor aos seus juízos uma reflexão demorada. Era, assim, em todos os passos da sua vida exemplar. Sabia respeitar os filhos, que modelava pela sua alma e pela sua impoluta consciência. Era o primeiro *homem-bom* de Malpica do Tejo, *entre tantos dos seus homens bons!* Todos, lá, o sabiam.

Voltava a falar da vergonha das *deserções*; olhava-me com uma curiosidade intencional e reservada, a interessar-me na tese da sua preocupada intimidade... Eu já o havia entendido, dizendo-lhe que sabia daqueles casos desonrosos, dos boatos que circulavam.

Então, encorajou-se, voltou a fixar-me bem, para se certificar do efeito das suas revelações, e disse, muito afoitamente: *estou velho e não faria nada na guerra; o Governo também me não queria lá, para ir por ti. Porque tu, não te livras da guerra... Eu iria de boa vontade. É rematou, muito seguro e firme, logo: seria o maior desgosto da minha vida, saber, um dia, que um filho meu desertara de ir para a guerra!*

Era aqui que ele queria chegar... Era o que me queria dizer...

Aquietei meu pai: *eu iria à guerra. Por mim, que não tivesse cuidados.*

E era, também, o que ele queria ouvir da bôca do único filho que ia para a guerra...

Fiz-lhe essa vontade, que era a minha vontade de cumprir, honrando o seu nome e o nome modesto da nossa casa, e o meu próprio nome, desconhecido e obscuro, então e sempre.

Minha mãe já se mortificava. Muitas mães de Portugal choravam como ela. As mães são, ou parecem, todas iguais... São iguais, sem dúvida, todas as mães...

Minha santa e querida mãe vivia, logo que a guerra deflagrou, a adivinhar o seu calvário, a imaginar a partida do filho para a *guerra*, o filho que era a *luz* dos seus olhos, como eu bem sabia, a pedir a Deus que o deixasse ficar, junto dela, porque era seu, e, um, pouca falta faria na guerra! Sem entender que os filhos são todos iguais, para Deus, e as mães também o são, e que a sua petição desesperada era igual às súplicas de todas as mães portuguesas, que também segredavam a Deus, que os seus filhos eram delas, e que *um, só delas*, nenhuma falta fazia na guerra...

Até depois de morto a mãe reclama o filho que a morte lhe arrebatou e que Deus lhe não devolve, porque — *o guarda*.

Deus não tem esse direito, porque, se todos somos filhos de Deus, também a mãe tem os seus, que são *seus*, muito seus, e de mais *ninguém*. Deus não se ofende com esta bendita blasfêmia!...

Não sei que segredo tem este santo vocábulo — *mãe!* Sei que é uma palavra muito macia e doce, que anda sempre na nossa bôca e enche o nosso coração. É tudo: *alegria, tristeza e saudade*.

Na minha partida para a guerra, ao despedir-me dos meus, tive palavras de conformação para todos! Mas ao abeirar-me de minha mãe, para lhe dizer adeus, não me foi possível articular um monossílabo!

Beijei a sua mão, que ardia em febre, e... fugi. Fui. Voltei. Minha santa mãe era uma ruína.

Era a minha querida reliquia... de guerra. Vejamos como tudo se passou... como fui, e como voltei.

Belém regurgitava de gente moça, que subia e descia a «Calçada», gente palradeira e barulhenta, algarviando cada qual o sotaque da sua provincia. Havia também ilhéus, muito unidos, todos solidários. Estudantes de todas as escolas: *professores, padres, deputados, tudo envolvido* na patriótica ânsia de cumprir.

Era a Escola Preparatória de «*oficiais milicianos*» que ali funcionava com aquela gente palradeira, ardente e buliçosa, cheia de mocidade.

Preparava-se para a guerra, que já espirrava sangue generoso da França mutilada.

Era a guerra...

Portugal chamava-os às fileiras para a sua iniciação militar-a primeira barreira, sumária e breve.

Estudantes interrompiam os cursos nas Escolas Superiores; professores abandonavam o ensino e os seus discípulos; padres, os seus remançosos e pacíficos presbitérios e as ovelhas que lá pastoreavam.

Era uma debandada patriótica e cívica — um alarido sagrado.

Pereira Bastos⁽¹⁾ comandava a patuleia jovem, de sobreceho sempre arreganhado e repreensivo.

Lá andavam o deputado *Carlos Olavo, Hernani Cidade*, agora lente jubilado da Faculdade de Letras de Lisboa; *Manuel Rodrigues Junior*, mais tarde lente de Direito de Coimbra e de Lisboa, e ministro da Justiça, e *António Ferro*, escritor e jornalista, e também ministro de Portugal em Roma. Foi um jornalista notável, entre os mais notáveis do jornalismo contemporâneo.

António Granjo frequentaria a do Porto, talvez.

1) — Coronel João Pereira Bastos.

Era a elite das Escolas Superiores — gente conceituada no mundo alto do pensamento.

Ocupavam-se de livros, autores e controvérsias literárias.

As vozes de comando em que haviam de afinar as suas gargantas *paisanas*, não estavam na sua vocação. Assim mesmo, que grandes soldados⁽¹⁾ saíram do anonimato académico das escolas militares improvisadas!

Tempos venturosos... e dignos, de gente muito grande!

O paisanismo desta pleiade de valores era inconfundível e único. Não se faz agravo conta-lo nestas notas de um parceiro da Escola de Belém, das andanças penosas da trincheira e da Alemanha. Tudo é, aqui, referido com o coração isento.

Em Belém, certo daqueles valores militares, chamado a comandar um pelotão, num ensaio experimental de táctica em ordem unida, tão familiarmente, tão meigamente dava as suas vozes de advertência e de execução, que o oficial instrutor, excitado, o devolveu, imediatamente, para o seu lugar, dispensando-o de prosseguir naquela declamação paisana e desafinada.

O oficial instrutor ficara decepcionado com a inapetência profissional do ilustre candidato à vida das armas...

Este, não se molestou com a exautoração militar, que ali ensaiara desastrosamente, limitando-se

1) — O alferes Hernani Cidade foi condecorado pelo Presidente da República Dr. Bernardino Machado com a cruz de guerra, e dele se conta, em «Portugal na Grande Guerra» a pág. 266, 1.º Vol. pela pena honrada do Coronel do E. M. senhor Pires Monteiro: «Em 14 de Agosto, o inimigo depois de um valente bombardeamento em toda a frente da 1.ª Divisão, ataca com um batalhão de assalto duns 500 homens em duas colunas. Uma das colunas foi repelida pelo B. I. 15, mas a outra avançando na direcção das crateras de Mauquissart ocupadas pelo B. I. 35, e conseguindo atingir a linha-A-ultrapassa-a e já leva aprisionados alguns dos nossos. Seria o primeiro «raid» inimi-

a sorrir para o oficial, a condescender, muito candidamente: diz bem, meu tenente; tem V. Ex.ª muita razão!... E tinha...

Olavo era feito do mesmo barro paisano, como se vê no breviário da guerra — o seu jornal — da Alemanha: «É uma fatalidade! Acabo de demonstrar pela milésima vez que me faltam em absoluto aqueles requisitos essenciais para formar um bom militar em tempo de paz...

«As posições de «sentido», hirtas, as continências irrepreensíveis, os respetos graduados, as formulas de tratamento adequadas, toda a variada marcação do protocolo militar era para mim um mistério quase inacessível... diz ele no seu «Jornal de um Prisioneiro de Guerra na Alemanha».

Do seu temperamento incuravelmente paisano, dá Olavo variadas notícias naquele jornal.

E foi um belo soldado da Escola de Belém! um valoroso artilheiro!

Pereira Bastos, porque sabia com quem lidava, afivelava a sua máscara prussiana; fazia cara rude à juventude livre que tentava o apigrama e a verve atrevida, a precatar a disciplina com zelo avaro.

Soube modelar alferes, que honraram a Escola e o seu comando, que nunca esqueceram e sempre veneraram.

go coroado de êxito. Já seguiam para as suas linhas atravessando a Terra de Ninguém, quando surgiu o alferes Hernani Cidade, saltando o parapeito armado com uma espingarda e acompanhado só com 3 soldados. Lança-se furiosamente na decisão épica do heroísmo sobre a escolta vitoriosa. Os prisioneiros portugueses já reagem. Lutam e vencem. E às 6 horas quando o sol despontava, eram os nossos que traziam alguns prisioneiros, entre eles, moribundo, o capitão alemão que comandava o «raid». Lutara-se rijamente na Terra de Ninguém que o jovem alferes Hernani Cidade, com o seu gesto de audácia tornara a nossa terra.»

Foi desta Escola de Belém, que saiu, ignorado e apagado, o incorrigível paisano Hernani Cidade, que mais tarde se fez um eminente professor da Faculdade de Letras de Lisboa — e, na guerra, um militar laureado.

Era, entre os alunos, o «Pai João». «Pai João» também queria bem à patuleia da Escola. Gente culta, erudita, a população da Escola conhecia o passado grande e venturoso de Portugal, os homens da estatura de Mouzinho, Caldas Xavier, Alves Roçadas, Ferreira do Amaral, Vieira da Rocha e Bento Roma...

Conhecia de nome, ao tempo, Ferreira do Amaral. Muito bem, o capitão Bento Roma.

Ferreira do Amaral entrou em certa noite no meu abrigo da primeira linha. Era uma figura escalavrada, que infundia inquietação naqueles que nunca tinham lidado com ele. Major Ferreira do Amaral, anunciou ele, secamente, ao penetrar no abrigo onde me encontrava. Assim se apresentou, a hora adiantada da noite — na primeira linha — com espanto meu... Também Bento Roma lá esteve noutra noite.¹⁾

Quando tentava soerguer-me da tarimba onde me recostara, aquele destemido cabo de guerra não o consentiu, acudindo, logo: um alferes de infantaria precisa sempre descansar: não se levante. Era a justiça que sabia fazer aos primeiros sacrificados, aquele combatente valoroso.

Como o não conhecia, fixava-o, desconfiado, a ver nele um espião metido, ali, no meu fojo úmido e lóbrego. Não tirava os olhos do rosto sêco e horrendo do valente Ferreira do Amaral.

No dia seguinte, vim a saber quem era este valoroso combatente das campanhas do Ultramar, e, mais tarde, a garantia da paz pública, em Lisboa, que a sua valentia lhe recuperou à custa do seu próprio sangue. Era um nome! Um homem!

As Escolas das especialidades funcionavam em França, — em plena guerra: lá esperavam e por lá passavam, em levas contínuas — saídos dos acanto-

1) — Acompanhava-o o então tenente de Infantaria 8, Malaquias de Sousa Guedes, companheiro da 3.ª Companhia de Vila Chã.

namentos das suas unidades — os novos oficiais portugueses.

As fornadas sucediam-se, em Belém, sem descanso. Em poucos meses, aqueles jovens eram oficiais em serviço efectivo na campanha. Mal chegavam aos regimentos, eram mobilizados e mandados para África ou França.

Em certa tarde de Maio de 1917, embarquei para França. No porto, em Lisboa, a azáfama militar era enorme. Não conhecia, ali, ninguém. Somente um patricio.⁽¹⁾ Parentes e amigos erguiam para a amurada do navio os olhos úmidos da despedida, pregados, ali, no cais, a dizer adeus aos que iam largar para a guerra. Amparei-me logo àquele conterrâneo. As obrigações militares superavam a minha inexperiência atormentada, que se refugiava, ali já, à sombra da autoridade do seu saber e da sua patente militar.

Na amurada do barco,⁽²⁾ antes da largada, um companheiro⁽³⁾ da Escola de Belém, revelava-me um presságio que o atormentava, certo de que não voltaria da guerra, como ele dizia, alagado de tristeza. Parece que não voltou, porque o inimigo lhe encheu o abrigo de granadas de mão, que fez explodir, mutilando-o irreconhecivelmente — sem piedade.

Era a guerra...

Pobre irmão de Belém! Parecia adivinhar um mau destino...

A nave, abarrotada como um ovo, ajoujada, pletórica, levantou ferro com um uivo sinistro e rouco, a expulsar-nos para o mar largo, o grande pego oceânico, onde ela, ora se levantava, ora descia, como um monstro marinho, a afocinhar na água, com fragor. Ao cerrar da noite, o casario de Lisboa

1) — Tenente Simão Barata.

2) — Flávia.

3) — Cunhal, creio eu.

era uma mancha cinzenta, muito esfumada, uma poalha difusa, distante, indefinida.

A cidade desaparecia aos nossos olhos, que se não despregavam dela. O mar, embrulhado na densa escuridão da noite, aterrava.

Olhando-o da amurada, mal enxergava a franja de espuma branca nos sulcos que o barco ia abrindo nas águas profundas e glaucas.

E continuava a olhar o mar escuro e revoltado, apartado de todos no meu delicioso retiro, naquele poiso solitário e alto, naquela — primeira noite da viagem.

E, sem nada ver, por ali me fiquei a cismar e a ouvir o misterioso rugido das ondas que galopavam para o costado do navio, onde embatiam com fragor, esparrinhando, até ao convés, salpicos frescos de água salgada.

E perguntava com o pensamento: *porque vamos nós para esta guerra? Nós, tão poucos e tão pequenos!* Assim ia cismando, debruçado sobre as águas do mar profundo.

A travessia do *Golfo da Gasconha*, foi tormentosa.

Eu dormia profundamente, morto de fadiga e de emoções violentas.

Podia o barco naufragar, que não daria conta dessa desgraça nas águas sublevadas da Gasconha.

As minas de guerra do inimigo, semeadas no mar, tiravam todo o sossêgo; os submarinos alemães eram uma ameaça, sempre na iminência de um ataque de surpresa.

Era uma expectativa terrível, assustadora.

Contra eles, os barcos de apoio, aguçados como flexas, patrulhando nos flancos e à frente, não descansavam. Por vezes, pareciam mergulhados no mar, mesmo naufragados. Mas logo irrompiam, esbeltos, com a sua silhueta elegante e altiva à superfície, sempre a cortar a água na sua pesquisa incan-

sável e nervosa! Inesperadamente, mudavam de rumo, alcançando grandes distâncias, adiante da frota protegida e tutelada. Patrulhavam, sempre.

Eram, aqueles «destroyers», o olho que varria o oceano com as suas miradas ansiosas e largas, com a sua marujada heróica, firme no seu parapeito flutuante, na sua gávea movediça. Centos de vidas embarcadas na nave maior, enquadrada neles, sob a sua custódia fraterna, confiavam na sua vigilância e na irmandade do seu sangue lusiada.

Não descansavam. Queriam devassar bem o seu campo de tiro na vastidão ondulante do oceano infinito.

Em certa tarde, muito fresca e brumosa, flutuavam na rota do transporte de tropas alguns cintos de salvação, que eram sinal de uma desgraça. Sem dúvida que eram! Recebeu-se, ali, a notícia de ter sido avistado um submarino inimigo, não sei em que paragem. Foi recomendada muita atenção. A recomendação era desnecessária! Os corações apertavam-se, e os olhos abriam-se e escancaravam-se, a abarcar a vastidão do mar, e a prescutar o perigo. Durante essa noite, o convés do navio esteve apinhado de oficiais, que palpitavam no escuro a jangada que lhes fôra destinada no primeiro dia de viagem, para o que desse e viesse...

Imerso em densa treva, o barco vogava, pesadamente, sobre a água, como um monstro marinho, aos trambulhões...

Os vagalhões do mar sublevado empurravam-no, aos encontrões, no negrume da noite medonha. Duvidava-se dos meios de salvação previstos, aquelas jangadas, que pareciam, e eram, um engano, uma deliciosa teoria de salvação. Um torpedo bem mandado pela mão certa do inimigo, que conhecia bem os segredos deste delicado estilo, faria voar em cavacos, o barco e o seu recheio, e aqueles

instrumentos de salvação não mais seriam vistos... Nem precisos...

A sorte e a fé, eram a melhor esperança, esperança única.

Numa manhã de sol muito claro e com o mar brando, anunciaram alguns oficiais a terra de *Brest*, que descobriam, ao longe, a adivinhá-la.

Todos a desejavam.

Não era terra, contestavam outros, mas sim névoa matutina, aquela mancha esfumada que se enxergava na linha cinzenta do horizonte distante.

Podia lá ser terra!

Entretanto, a nau, pesada e trôpega, seguia, pachorrentamente, a sua rota, puxando a carga do seu recheio, que a fazia ranger e gemer doridamente. Resfolegava fundo, já cansada, ali à vista de *Brest*.

Mas era terra, terra abençoada e desejada, o porto de *Brest*; sem dúvida, terra firme, terra de *França*, a terra da cruzada lusiada...

Terra, por Deus, areias brancas de França!

No porto ancoravam barcos de algumas nacionalidades com os seus pavilhões, a espadanar-se ao vento, no topo dos mastros. Havia alguns navios de Portugal. Também ali estava Portugal, naquele curioso porto francês de *Brest*...

A soldadesca morena de Portugal, tinha no rosto sinais vincados de uma melancolia que já lavrava amarguradamente nas suas almas, implantados, ali, no cais, em solo estrangeiro. Olhavam a colina onde se ergue a cidade, e olhavam-se entre si; miravam os seus oficiais, com insistente curiosidade. Eram os seus condutores e o seu amparo no futuro incerto da guerra para onde caminhavam, sem saberem que guerra seria aquela, chamada - *Grande Guerra* - onde caturrava a velha Europa desavinda e se destruía a sua juventude inocente.

Um deles, olhando com uma sufocada tristeza os pavilhões dos barcos fundeados no porto, desa-

batou, a meia voz, para o camarada do lado. « *A nossa bandeira é a mais bonita de todas!* O camarada não respondeu: também parecia apoquentado... Não suspeitavam, um e outro, de que eu, que tinha mãe como eles, os espreitava, a ouvir aquelas *falas*, que podiam ser falas minhas, e elas eram, como se adivinhava, a primeira saudade que dali mandavam, já, eles, e eu, todos, naquele barco e com aquela bandeira, à mãe que ficara em Portugal, de contas na mão, a rezar pelo filho embarcado — a *Nossa Senhora dos Navegantes*.

Também eu disse, de mim para mim: tens razão, a nossa bandeira é a mais bonita de todas. E nunca ela fôra tão linda, e o seu verde rubro tão querido como lá longe, em terra estrangeira — sob o céu claro da França amiga — naquela manhã de Maio de 1917...

Na estação de caminho de ferro de *Brest*, a expedição tomou o combóio com destino desconhecido. Na gare, um grupo de raparigas francesas vitoritava Portugal com voz fresca e juvenil: *Vive le Portugal!*

Isto já foi uma lufada de ar fresco. Assim começamos a *amar* a França!

As carruagens do combóio encheram-se de rações de campanha para a tropa embarcada — provisões a granel.

Todos olharam aquelas provisões inglesas com indiferença. Eram provisões de exércitos *ricos*, que só mais tarde apreciaram, dando-lhes então o valor das coisas que o merecem...

Assim aconteceu — muito tarde.

Ninguém tentou aproveitá-las. Havia de levar o seu tempo a adaptação àquele regime alimentar, bem calculado e estudado pela previdente mentalidade britânica, em tudo minuciosa.

Numa estação do percurso⁽¹⁾ os oficiais saíram para tomar refeições quentes: *leite, café com leite, ou chocolate*.

Tomavam apressadamente aquela refeição ligeira, e voltavam para o combóio numa corrida pressurosa, para o não perderem.

Eu e o meu companheiro — *jóia que eu também não queria perder*, ficamos lá, por teimosia dele.⁽²⁾ Ele era um profissional *experimentado*, muito sabedor das coisas do seu officio, e eu, pobre de mim, um caloiro fardado, um hesitante, um tímido noviço... que o seguia como uma sombra.

Ele dirigia tudo; era quem tudo determinava. E também era amigo — e *filhote* da mesma terra, como se ouve dizer em Malpica do Tejo...

Mas era, o meu tenente, um obstinado inconvertível, de caprichos incríveis, de poucas falas, um inimigo declarado e confesso dos políticos *intervencionistas*, que apelidava sectáriamente de *maçons*, como o comandante da tropa embarcada, um coronel de artilharia, que ele olhava de esguelha, de má catadura... política: *aquele é maçom!*...

Parecia já, o navio, um vespeiro de *maçons*, a zumbir dentro dele, como moscardos...

Quando o não dizia de viva voz, olhava, fixamente, um ou outro, que se lhe afigurava «irmão» torvo daquela seita anónima, tocava-me ligeiramente no braço, muito significativamente, como que para me prevenir: *ali tem outro maçom!*...

Tenente *Simão Barata* era o tipo físico do homem nórdico da França: Olhos azulados, cabelo ruivo, bem entroncado. Não pactuava nem condescendia com o materialismo político, tal como o *Carlos da Botica*,⁽³⁾ e menos ainda com o *ateísmo* que inundava o mundo, como aquele casto boticário de Leiria.

1) — Laigle.

2) — Não tenha pressa dizia-me Simão Barata...

3) — Eça de Queirós — Crime do Padre Amaro.

Resistiu e perdemos o combóio. Tomámos outro, ao acaso, às 14 horas, que seguia para o Norte. Também íamos para o Norte. E era o que sabíamos do itinerário militar...

Começava uma aventura.

Partimos sem rumo. O combóio passava pelas estações, sem dizer água vai. Não parava. Engolia percursos e estações, quilómetros, muitos quilómetros. Parou, por fim, numa delas. Estava ali, uma praça do exército português, que deu notícias pouco úteis do Corpo Expedicionário. Que estava perto de uma ponte, não muito distante, onde o combóio sempre parava—informou—e que não valia a pena fazer o percurso a pé, até lá. Podíamos seguir nele, até à ponte. Eu propunha timidamente que fossemos a pé, para termos a certeza de encontrar a expedição, sem outras inquietações. O alvitre foi repellido: *Não, senhor, opunha o meu tenente: para que havemos de ir a pé, se o combóio pára junto da tal ponte? Não tenha pressa, meu amigo.*

O ditador decretou peremptóriamente... Ele era a suprema autoridade com quem eu estagiava... Era a minha tutela militar.

Seguir a sua determinação era acatar prostradamente a própria lei, o regulamento. Era aprender, fazer um treino adequado e útil.

Não trocava por coisa nenhuma do mundo aquela tutela providencial e preciosa. Muito preciosa...

Todavia segui-o preocupado, sem saber das minhas coisas embarcadas no combóio perdido. Mas ele também não sabia das suas! E rematava, de mim, para mim, a confortar-me, rendido: *ele sabe bem o que faz. É já muito antigo. Sabe muito. Sabe tudo...*

Conhecia as leis militares, todos os deveres, todos os regulamentos. E até adivinhava as coisas que andam nos Códigos das seitas, os seus émulos e o seu labor secreto...

Era um crente, devotadamente ultramontano, coisa que nele era inabalável. Ele e os seus pareciam de uma estirpe muito aguçada e inteligente. Que ninguém tentasse, com eles, um desvio da sua formação no itinerário das ideias: perdia todo o seu tempo.

Quando era abordado pelos oficiais subalternos, que lhe pediam o seu parecer na vida corrente do regimento, respondia, sem interesse: *leia a lei; está tudo escrito; vá, leia a lei...*

Poupava as palavras, que só a custo lhe arrancavam da bôca.

Colocado em França numa unidade, quis visitar as linhas durante a noite. As sentinelas barravam-lhe o passo, a pedir-lhe o «santo» e a «senha» regulamentares. Ele não respondia. Uma delas preveniu o graduado, que imediatamente o prendeu, levando-o ao comando.

Tomaram-no por espião alemão.

Enquanto caminhava com a escolta, *não pronunciou uma palavra*. Chegado ao comando, riu, e a escolta, vexada, regressou ao seu posto depois de se aliviar do suposto espião... capturado em plena guerra...

O combóio que nos levava não viu aquela ponte! Passou, ligeiro como uma cordoniz, a encher o espaço com o fumo negro da locomotiva.

Cruzavam connosco combóios militares ingleses que vinham e seguiam para a frente de combate. Regressavam, aqueles, trazendo feridos; seguiam, os outros, atulhados de reforços, munições e artilharia de todos os calibres, para alimentar uma grande batalha em curso.

Raras vezes paravam; *passavam com pressa*. Os soldados ingleses cantavam a todos os propósitos, o *God save the King*. Compravam e mordiam chocolates que as raparigas francesas, numa voz dolente,

apregoavam nas gares, em frente das carruagens, para a venda.

Nos canais do percurso, que se avistavam da linha férrea, haviam hospitais — com mutilados ingleses em repouso.

Parecia que a França tinha deportado toda a sua juventude, e que a Inglaterra despejara, em França, toda a sua mocidade válida.

O povo frances mostrava dignamente a melancolia em que os sucessos da guerra o fizeram mergulhar, mas a sua gente não decaía nas representações cénicas depressivas e lancinantes da gente fácil em prantear as simples expectativas más da vida.

E' um povo de animo forte.

E' incomparável o génio organizador da Inglaterra, como, logo, se viu, em França, até no difficil serviço de transportes ferroviários que ela governava com exemplar firmeza, mesmo nas horas confusas das grandes batalhas, quer evacuando para hospitais distantes os seus milhares de feridos e estropeados de guerra, quer enviando para a *frente* o seu ininterrupto caudal de homens, munições, armas e viveres, tudo com admirável pontualidade, até onde é possível a pontualidade humana e o seu sincronismo perfeito — durante o ardor de uma batalha de grande estilo.

A empresa era de tomo! Mas ela foi lá dominada por aquele génio de organização britânica, nas horas mais difíceis da guerra.

Parou, por fim, o combóio, numa cidade próximo da frente de batalha, coalhada de soldados britânicos. Decorria então uma ofensiva de grande envergadura. O lume das bôcas de fogo, na linha continua do horizonte, parecia o relampejar constante de uma grande trovoadas, a zigzegaguear no céu. As vidraças das casas da cidade estremeciam,

de instante a instante, sacudidas pelos rebentamentos dos projecteis, à distância.

Já não era longe a guerra. Vagueamos, por ali, em busca de notícias sobre o acampamento português, que nos ficara para trás. A soldadesca inglesa, em grupos cerrados, batia cadenciadamente as ruas úmidas com as suas botas ferradas, e fazia continências bruscas e saudáveis, olhando ao flanco, decididamente, a saudar os oficiais que cruzavam.

Eram vagas deles, plenos de mocidade, vigorosos, muito admirados do nosso uniforme cinzento e das nossas particularidades rácicas. Miravam-nos, de alto a baixo, como crianças. Seguiam, e riam a olhar de novo para nós, voltados para trás... Pouco tempo se demoravam por ali: já se aqueciam ao lume daquela batalha...

Os oficiais britânicos não entendiam a entrevista que lhes pedíamos e acabavam a rir, como crianças grandes, nas nossas bochechas, tão aparvalhadas como eles.

Riam sempre. E, nós, também...

Assim continuámos, perdidos naquela cidade do Norte, muito distante, agarrada já às linhas de fogo.

O meu companheiro, saboreava, cândidamente, aquela aventura: Eu impacientava-me...

A iniciação militar parecia-me perigosa, contrária aos cânones militares rígidos. Os regulamentos militares são inexoráveis em campanha. E eu sabia isso... Até que, certo oficial inglês, *mascando* penosamente a língua francesa, como que a triturá-la, nos tomou à sua piedosa conta.

Por sua lembrança comparecemos, no dia seguinte, às 12 horas, na estação da cidade. De lá nos devolveu, então, para a *rectaguarda*, muito para a *rectaguarda*, com destino a *Étaples*. Um bom major nortenho, ao avistar-nos, já dentro do acampamento de *Étaples*, estacou, para dizer, entre sério e ga-

lhofeiro: já está a ser levantado o auto de corpo de delito!...

Cá me parecia que isto não podia acabar bem, pensava eu!

Mas o tenente *Barata* permaneceu imperturbável: era-lhe indiferente a advertência... disciplinar.

Bem pensava eu, quando me louvava na sua invencível autoridade, uma vasta sabedoria que lhe dava calma naqueles transe indesejáveis da iniciação da campanha, onde os regulamentos militares endurecem, mas onde, logo, se adoçam, aproveitando e alargando as atenuantes que, embora só *atenuem*, acabam, paradoxalmente, por dirimir a responsabilidade do delinquente... militar, em infracções desta natureza, involuntárias.

Dezenas de milhares de tendas constituíam, em *Étaples*, uma urbe interminável, depósito de tropas destinadas às trincheiras. Aguardavam, essa hora, naquele acampamento monstro. Não faltava ali nada. Nem amplas barracas de lona para o culto protestante dos militares protestantes, nem outras para exercícios religiosos das confissões católicas. Fogareiros acesos, de onde em onde, queimavam os desperdícios que a reserva territorial britânica juntava e lançava dentro deles, a defender a higiene e a saúde dos combatentes, ali acampados. Cantinas, refeitórios, enfermarias, tudo ali se via instalado e dirigido pelo método e mão firme do génio incomparável dos britânicos. Carreiras de tiro, campos de manobras, campo de granadas e de esgrima de baioneta, tudo montado com técnica exemplar, muito inglesa.

Admirável e grande povo, onde tudo, logo, parece, meticulosamente seleccionado: *homens, animais e coisas...*

No campo de esgrima, vasto e interminável, via-se, cravada no tronco de uma árvore, na berma

da estrada, uma tabuleta com dizeres peremptórios e proibitivos: *No smoking*.

E perguntava a impaciente curiosidade portuguesa, porque não seria consentido fumar, ali, numa extensão tão vasta de terreno, sem construções urbanas e sem culturas. A mentalidade latina resiste teimosamente à compreensão dos hábitos britânicos e à sua disciplina, e só muito tarde acaba por *penetrar e admirar* a índole desse povo orgulhoso e sempre grande.

Sai dali para Infantaria 8 — *Brigada do Minho*.⁽¹⁾ Também não conhecia os oficiais. E ninguém... Esta impressão é muito dolorosa e amarga.

Separei-me do tutor.

Sempre me amparou como um irmão mais velho. Também eu lhe queria bem.

Nunca mais o vi. Sei que voltou da guerra...

Aquela unidade levou tempo a partir para as linhas de fogo.

Nos acantonamentos fazia-se um arremedo de instrução: *Táctica em ordem unida e marchas de percurso limitado* — tudo de escasso proveito para aquela guerra de surpreendentes inovações técnicas.

Censurava-se a correspondência dos homens, e escreviam-se cartas para Portugal. Sempre a *matar saudades*, e manda-las... ainda mais vivas e mais excitadas.

O tempo ia passando.

Esgrima, muita esgrima de baioneta-agressiva e violenta — estava na moda daquela guerra.

O primeiro comandante da companhia⁽²⁾ adoeceu. Deu baixa ao hospital. Seguidamente, regressou a Portugal. Nunca mais o vi.

O novo capitão, *Francisco Vila Chã Rodrigues Leite*, magro como um gafanhoto, nervoso e vibrá-

1) — Era seu comandante o Brigadeiro Senhor Almeida Barbosa.

2) — Capitão Pereira.

til, levou a campanha até ao último extremo, por forma gloriosa e desconhecida de muitos, relutante como era às consagrações pessoais e vistosas e ao barulho da turba. Os seus subalternos¹⁾ também se houveram com adequado civismo, e, como ele, sacrificados até ao fim da guerra. Também cumpriram.

Os soldados não queriam bem a Vila-Chã; tinham-no por *gato assanhado*. Assim eles soubessem que tinham nele um chefe notável, um grande capitão. Viu-se que o não entendiam nem conheciam. O próprio medo o agitava e impelia, dando as suas ordens nervosas com aspereza, quase a ralhar e a ofender, na ânsia de se ver obedecido. E ele, desde logo, cumpria - sempre em primeiro lugar.

Era um escravo das suas obrigações de soldado, que não protelava nem delegava.

Quase miava, quando se queria vêr obedecido. Parecia, então, desumano, e o comandante da companhia era, só o que queria ser: *um bom soldado*.

Excitava-se como uma bicha de rabião... A sua voz de falsete, embrulhada naqueles nervos, parecia, na verdade, o miar agressivo do gato assanhado, que os soldados viam nele.

E ninguém os defendia melhor do que o *magro* gato bravo das luxuriantes veigas do Minho...

Não lhe faziam justiça. Não conheciam o seu valente capitão!

Era um chefe! Em nenhum momento, aquele homem esquelético, de lunetas trementes sobre o cavalete do seu nariz afilado, deixou a sombra de um equívoco, o pecado de uma hesitação diante do perigo. Era um soldado, um capitão das eras dos melhores capitães.

1) - Tenente Malaquias de Sousa Guedes; alferes Carlos da Silveira Malheiro; Alberto Candido Rebelo Branco; Joaquim Diogo Correia e Constantino Augusto Tavares - a família militar de Vila Chã.

Poucos o compreenderam.

Hoje, me parece muito maior, aquele valente soldado, querido Vila Chã da «*Ferme du Bois*», companheiro de *Laventie*...

Parti, em certo dia, para as linhas, ainda sem comando e com o encargo de receber, da unidade que lá estava, o material para a unidade que a rendia, no dia seguinte: a *minha unidade*.

Cheguei às trincheiras ao fim da tarde. Os oficiais subalternos jantavam àquela hora, no abrigo, com o comandante da sua companhia. Fiz a apresentação do estilo militar. O capitão daquela unidade olhou-me com alguma ironia e deu-me este tiro, à *queima roupa*: «*O senhor não tem abrigo aqui; terá de passar hoje a noite, na primeira linha, com o nosso tenente!!!*»

?...

Era, o tenente, o comandante de um sector de pelotão, lá em baixo... na linha mais avançada - a primeira linha - onde eu não tinha comando nem deveres...

Contemporisei, sem um reparo, mesmo delicado e vago. Havia no semblante daqueles *quatro homens* um sarcasmo desumano na sondagem sibilina que fizeram, a *adivinhar-me*, a pesquisar o efeito daquele súbito *disparo*. Foi a primeira *bomba*!...

Na primeira linha, também não havia abrigo para oficiais...

Estranha fraternidade de armas! Que amparo!...

Colhi, logo, ali, o pômo azêdo da minha inocência militar...

Era amargo, aquele pômo *intragável*!

Como é vária a humanidade nos seus recônditos meandros e nos seus tipos contraditórios, desde a bondade impoluta...

Que coisas feias se passam na vida breve e apouquentada dos homens!

Entre irmãos! Adiante, adiante... Perdoemo-nos... E' tempo...

Via as trincheiras pela primeira vez. O espectáculo sufocava.

Ao cerrar da noite acompanhei o tenente para a primeira linha. Eu falava alto, a descer a trincheira de comunicação, como se estivesse a galrear nos 'Gerais' da Universidade de Coimbra, a tagarelar com a juventude palradeira e barulhenta, que lá deixara. O tenente repreendia-me com bondade: «*não se pode falar assim nas trincheiras*»; recomendava ele, quase secretamente. *Fale devagar...*

Eu não entendia o severo recato imposto pela guerra, aquele silêncio regulamentado e tumular. Distraidamente, tornava a levantar a voz, e, de novo, o venerando tenente voltava a advertir-me: «*Fale devagar...*»

Na primeira linha, um atoleiro de lama gelada e pegajosa como grude, que envolvia o calçado, os soldados moviam-se em silêncio, como sonâmbulos, embrulhados nos capotes, de capacete de ferro na cabeça, às apalpadelas, a máscara do gaz ajustada ao peito, a romper o nevoeiro que os envolvia e ocultava.

Pareciam fantasmas, no meio da bruma densa.

Tudo era soturno diante do inimigo que podia ouvir-nos, se quebrássemos aquele silêncio misterioso. Os soldados dos postos, de pé, sobre a banqueta da trincheira, agarravam-se ao parapeito a furar com os olhos a noite escura, empunhando o fuzil, o ouvido atento, a respiração suspensa. Os corações batiam apressadamente. Cochichavam, entre si, muito em segredo, ombro com ombro, colados uns aos outros, debruçados no parapeito, para a *Terra de Ninguém*, como se espreitassem por sobre o muro alto de uma quinta.

Era assim a guerra...

O fogo das metralhadoras repetia-se, a matra-

quear, de um e de outro lado. Atiravam-se à frente do parapeito, para a terra *neutra*, granadas de mão para dissipar dúvidas! A artilharia dos adversários mandava tiros⁽¹⁾ isolados por cima das suas cabeças, com intenções tácticas desconhecidas.

Para onde mandavam aquelas granadas, que assobiavam por cima das nossas cabeças?

Todo o sector, por vezes, mergulhava num inquietante silêncio.

Os homens rendiam-se no parapeito e tiritavam de frio, a sacudir a neve com o corpo. Naquela quietação enervante eram bem solidários, aqueles duendes nocturnos, almas penadas, colados ao parapeito, a descobrir o inimigo que rastejava e escutava patrulhando na terra úmida e fria.

Como nós, de cá para lá. *A Terra de Ninguém*, era *Terra* de toda a gente... E *Terra* que ninguém queria para si... *Terra* indesejável...

Era a maldita guerra, a guerra que engolia a flor da juventude da *Europa* desafortunada! — e a destruía

E tudo por via da rematada loucura de um ambicioso, arrogante e insaciável megalómano, que desafiara o *Mundo*, mais tarde sucedido por *outro*, mais nefasto e mais cruel, este *outro* louco, que tão depressa infligia aos homens morticínios colectivos e em massa, como em *Coventry*, que planificou com o vendaval da sua metralha, como invocava, a qualquer propósito, a graça do *Todo Poderoso!*... — para si... apenas.

Um cinico desmandado: — *Hitler*: — um grande louco.

Durante a noite acompanhava o tenente nas suas rondas.

1) — Os soldados chamavam aos obuses inimigos que sobrevoavam as linhas — *ordenanças ao Quartel General*... Não os queriam para si...

Os homens estendiam a vista para *adivinhar*, que não para ver.

Era um mundo de sombras e de vida misteriosa.

Por cautela, as metralhadoras varriam o terreno, em frente, com rajadas intermitentes. O inimigo fazia outro tanto... Respondia no estilo convencional da guerra.

O tiro das metralhadoras parecia puxar-nos o cabelo, o que levou o tenente a recomendar, para a segunda linha, cuidado na execução daquele fogo. Era uma impressão falsa, como informaram os comandos responsáveis. Na verdade, o fogo continuou no mesmo regime de tiro, sem risco.

Havia apenas um abrigo que estava ocupado pelos soldados telefonistas ingleses.

Sentei-me num saco de terra, à porta desse *covil* de guerra; do outro lado, o tenente fez o mesmo. A noite ia já adiantada... As metralhadoras ladram...

Eu cismava na guerra... Ele também devia cismar na guerra...

Assim passei a primeira noite, junto do inimigo, que não vi *nem ouvi* — com a cândida inconsciência daquele mundo estranho das trincheiras, ora tempestuoso, ora silencioso e ermo...

De vez em quando, passava pelo sono, a dormir, vencido pela fadiga da marcha daquele dia e das primeiras emoções da guerra.

O tenente, já *veterano*, sacudia-me, brandamente a pedir-me que não dormisse. Ele é que não podia adormecer. Não teria mesmo sono... Não tinha. A guerra espanta o sono dos seus combatentes... Rouba-lhes o humor e a bonomia-tudo.

Também o perdi, *logo no dia seguinte*, já ele ali não estava. Por isso, eu perdi então o sono... logo no dia seguinte... A insónia era já minha, então...

Nesse dia, os soldados de infantaria 8-a minha

unidade,⁽¹⁾ chegavam da rectaguarda e ocuparam as posições. A unidade rendida desapareceu, subitamente, abandonando a linha que ocupava. Dava-nos a vez...

Já ficava com os meus, em família...

Era no sector de *Fleurbaix*: um sector com espaços mortos, sem trincheiras, de onde em onde, portais ou clareiras que se prestavam às infiltrações do inimigo a coberto da noite. Instalei os homens ao parapeito. Recomendei-lhes vigilância, muita atenção à *Terra de Ninguém*, em frente. Era o seu primeiro contacto com a guerra, uma guerra distante nas terras lamacentas da *Flandres*, gelada e úmida. Também eu estava atento, de ouvido à escuta, desconfiado, sempre. E não tinha já sono!... Era a primeira *insónia* da guerra...

Os homens sufocavam. Afrontavam-se. Eu excitava-me naquele mundo novo e surpreendente. Respondia por eles, pelas suas vidas... E pensava nisto, amarguradamente, sem que eles o adivinhassem! — a toda a hora, sempre!

Era, ali, um inocente, um caloiro trajado de alferes...

E queria cumprir bem, diante do inimigo, *experimentado* e valente, bem armado, bem instruído.

Que sabia eu de guerra e da guerra? Onde a tinha eu aprendido? Era uma guerra nova para todos...

Isto era uma conformação.

Abordava e rondava os homens, durante toda a noite, sob a neve que peneirava densamente, para lhes recomendar vigilância. As metralhadoras *cacarejavam*, de cá e de lá. As luzes da ordenança subiam e desciam, à frente do parapeito — quase mortas.

E logo voltava o silêncio medonho, profundo, traiçoeiro...

1) — Infantaria n.º 8, de Braga - Brigada do Minho.

O terreno, em frente, era alumiado pela luz crua daqueles *verylights* que eu disparava; que subiam e desciam, a cair no chão, quase apagados, como um enorme morrão agonizante.

Todos, então, abriam bem os olhos, embaraçados ao parapeito, a aproveitar aquela luz pálida e melancólica, que baixava lentamente, diante dos postos, na *Terra de Ninguém*.

O inimigo podia andar ali perto...

Do lado alemão, outras luzes, luzes iguais, subiam e desciam, também, na mesma cadência triste.

Os soldados aproveitavam aquela claridade momentânea, para explorar o terreno. Abriam bem os olhos... que parecia rasgarem-se pelos cantos. Em seguida, a escuridão cerrada e inviolável caía sobre aquele misterioso mundo da trincheira. Treva, logo: nem luz nem ruidos.

As metralhadoras da segunda linha colaboravam na segurança do sector varrendo os espaços mortos propícios às infiltrações nocturnas: *quebravam o silêncio. Ladravam enraivadamente. Seguidamente, logo o silêncio, de novo o silêncio mortal.*

Esbanjavam munições, as metralhadoras.

Ninguém lhes pedía contas da dissipação des-governada...

O alemão fazia outro tanto. A guerra tem sempre fome, apetite constante... *Come e estraga, esbanja ao desbarato, como já se tem dito. Não se farta. Vieira* o disse, um dia, ainda sem imaginar uma guerra deste espantoso estilo, imensa e destruidora como uma derrocada.

Inadvertidamente, disparei a pistola dos *verylights* para uma cratera cheia de água.

A carga do *verylight*, metida na água, produziu um ruído cavo, um forte e breve rugido. Não entendi, logo, o fenómeno...

A minha ordenança tomada de pânico, desapareceu e refugiou-se em lugar incerto, onde passou

o resto da noite... Declarou-se *morta*, até ao dia seguinte... Já o sol ia alto quando apareceu, tímida e reflexiva...

Aquele delito militar era imperdoável.

Não lho perdoaria, pois. Não lho perdoei.

Não explicou a ausência imprevista. Fiz-lha sentir, pousando-o ao parapeito, a espreitar, na *Terra de Ninguém*, o camarada prussiano.

E lá continuou, até ao fim da campanha.

A punição foi dura—muito cruel. Se foil...

Era a guerra!... igual para todos.

No dia imediato, subi ao comando da companhia. Mal tinha chegado lá, uma densa barragem alemã, de morteiros *ligeiros*, varria a 1.ª linha, com violência destruindo as defesas e atirando ao ar sacos de terra. Os estilhaços zumbiam doridamente. Uivavam. Eram os primeiros estampidos daquelas granadas—que os soldados ouviam na guerra!

Eram pedaços de ferro, que voavam e se cruzavam em todos os sentidos. Os homens corriam, de um lado para o outro, a palpitar... a sorte. Era a sua estreia de campanha.

Pouco depois, subindo a trincheira de comunicação, aparecia ali, acompanhado de duas praças, um soldado que endoicera naquele rápido e violento batismo de fogo, lá em baixo. Chorava e ria, aparvalhadamente, com o rosto inundado de lágrimas. Dizia coisas incompreensíveis e confusas. Tinha uma máscara de espanto, alterada pelos esgares da loucura. Escancarava desmesuradamente os olhos. Falava da mãe... Chorava e ria... Era um pobre alucinado a chamar pela sua mãe... que o não via.

A Mãe, cá longe, em Portugal, a orar por ele, não podia adivinhar o drama do seu filho, o filho que embarcara para a *França*, que primeiro andara sobre as ondas do mar, e já ali estava a sofrer as

mutilações daquela guerra, vasta e tormentosa—*inconsciente e louco*.

Os alemães, durante a noite, haviam ocupado algumas crateras das granadas, atravessando os espaços mortos das trincheiras, *anunciava um soldado*, que me procurava, ofegante, e sufocado, a dar aquela notícia da parte de um graduado dos postos. E permaneciam nessas crateras, os *destemidos* alemães da incursão nocturna...

E se fosse verdade?

Isto pensava eu... com dissimulada excitação nervosa. Por certo não perturbado como aquele mensageiro vindo lá de cima, da ala esquerda do pelotão, áquela hora matutina.

Mas era necessário conjurar a inquietação dos soldados.

Observei-lhe que não podia haver alemães nas covas das granadas; que eram todos medrosos, e intimei-o a seguir-me com alguns homens armados. Ainda não tinha rompido a manhã...

A hora era arriscada—*segundo os cânones da guerra*— muito séria

—*Onde estão os alemães?*—inquiri, vivamente.

—*E ali*— e indicava uma cratera. Resolutamente avancei para a cratera e devassei-a com a vista, a interrogá-los repreensivamente:

—*Vamos, onde estão os alemães?*

Não havia alemães na cratera misteriosa... do seu pesadelo nocturno... — *Então, é porque é além* — e indicavam nova cratera. Com igual resolução, dirigi-me para lá acompanhado do grupo de homens que me seguia.

Que provação!... Não a sei contar. Mas eu era o alferes que os comandava!...

Também ali não estavam os alemães da sua tumultuária imaginação...

Multipliquei os insultos repreensivos, e voltei em direcção ao ponto de partida, sempre resmun-

gão e violento com os soldados, a estimulá-los. E a estimular-me...

Não entenderam a nervosa repreensão. Ainda bem...

E, então, ouvi nas minhas costas, ao dobrar um través: *este nosso alferes é muito arressorbido*... Queriam dizer valente!... *Corajoso, o nosso alferes!*

Pobre amigo, pobre e querido camarada!... *Arressorbido*, porque era o seu... alferes que ralhava... com autoridade de alferes... *Arressorbido!*...

A passagem naquele sector foi um pequeno estágio, uma iniciação suave, um contacto de três breves dias. Foi um ensaio...

Noutras zonas passei o resto da guerra: *Ferme du Bois e Laventie*.

Por ali, sim, foi já muito dura a campanha: *áspera e exaustiva*...

Mesmo desmoralizante, já insuportável!

Entretanto, lembrava-me de *Coimbra*, dos companheiros⁽¹⁾ da Couraça dos Apóstolos e rua do Cabido; da *tia Madalena*; do *forno do Matos Cabo*, do *papo-sêco com ela*⁽²⁾ ou *sem ela*; enfim, daquela terra mágica e da sua querida mocidade, dos seus maravilhosos recantos, da sua beleza incomparável, dos cerros milenários e ermos, que meditam, que rezam uma oração eterna, súplices, bem apontados aos céus. A terra linda de *embriagantes sortilégios*...

Ali, seguido da morte, e rondado por ela, re-

1) — Artur Proença Duarte, Armando Lopo Simeão, Albano Salvado, Jorge Seabra, Mário Cardoso, António Boavida dos Santos e José Carmona Ribeiro — a patuleia amiga e saudosa da Couraça dos Apóstolos e Cabido, barulhenta e inofensiva...

E também o santo e muito lembrado Manoel Lopes Falcão, incomparável na bondade, verdadeiramente pura, e a cuja sagrada memória, rendo, aqui, a minha comovida homenagem, respeitosa e recolhidamente inclinado sobre o coval sagrado do saudoso amigo.

2) — Manteiga... para o papo-sêco; conduto dos ricos, que Matos Cabo vendia no seu forno com o papo-sêco de boa memória, aos que podiam chegar a este luxo... alimentar.

cordava a *vida, a juventude* descuidada, o *amor e a paz* da cidade douta e maravilhosa.

Tudo nervosamente, à pressa.

A guerra interrompe as reflexões mais inofensivas, como o sono que se espanta, por más notícias recebidas de surpresa.

O dever repelia o *luxo romântico e sentimental* das meditações. Não ficava tempo para elas, nem lugar. Nem bonomia... Nem bonomia!

O tempo passava a mortificar os nervos e a endurecer a vontade. Gente nova tomava a catadura severa e insociável dos inconformados e incompreendidos. Não fazia bom cabelo, a guerra. As noites pareciam eternas. As praças rendidas ao parapeito descansavam empilhadas em abrigos inabitáveis. O alferes de infantaria não o podia fazer: *velava por todos, pela segurança do seu sector, rondando incessantemente, e fiscalizando a vigilância que aos soldados cumpria assegurar, abraçados ao fuzil inseparável, de queixo fincado ao parapeito, os olhos espetados na treva, a furá-la e a rasgá-la.*

Entrava no abrigo, repousava à pressa, e saía, a tremer de frio, o ouvido sempre apontado ao mundo inimigo, em frente.

Sentava-me na banquetta, junto deles, alta noite, a ouvir a *verve* que resumava da sua juventude forte, que eles se permutavam a adoçar o seu calvário, naquela escuridão e naquele mistério denso, antecâmara da morte, nas noites enervantes da guerra.

As 3, 4 e 5 horas da madrugada, o silêncio quebrava-se, súbitamente, com o resfolegar afrontado de uma leva de morteiros pesados, que sopravam no espaço, que explodiam e faziam tremer a terra, abrindo covas de lundo negro, de onde emergia o mau hálito da guerra: *pólvora queimada e fumegante.*

Os homens procuravam furtar-se, no escuro, à

saraivada de ferro serrilhado, feito em bocados, que cortavam como serrote grosso; que mutilavam e rasgavam os corpos. Imaginavam esta defesa precária, como quem atira a moeda ao ar... Era nesse refúgio de emergência que eles iam encontrar a morte a que se furtavam, a jogar os *escondidos* com ela, a trocar-lhe as voltas, por instinto.

Por simpatia e por contágio, todo o sector punha as metralhadoras a *ladrar* como uma enorme matilha de cadelas. A artilharia batia a *Terra de Ninguém*; as luzes da ordenança subiam ao ar e desciam à frente do parapeito, a apagar-se lentamente no chão. Os corações batiam afrontadamente, e as mãos enclavinavam-se chumbadas ao *delgado* da arma, de cano apontado para alvos imaginários, de acaso.

Na 2.^a linha, que era a sua moradia oficial, o capitão cuidava do governo privativo da companhia: papeis; determinações de interesse da sua unidade, remuniciamento, alimentação dos oficiais e soldados, disciplina de guerra, da sua estremecida patuleia.

Comandava essa patuleia, pensava nela, atento no seu abrigo mais confortável, à luz oscilante da *sua vela*, como um foragido, refugiado lá. E tinha em que pensar, o bom *gato assanhado*... de Barcelos.

Ao fim de cinco dias de permanência na linha, repousava a tropa cinco dias à *rectaguarda*, na linha das aldeias, ainda ao alcance da artilharia ligeira inimiga. Não obedecia aos moldes clássicos, a guerra de 1914. Era uma guerra nova.

Era uma guerra de movimentos reduzidos, de acções tácticas limitadas, sem manobra; uma guerra que não andava, que não progredia; sem estratégia; que se fixava no terreno sob o flagelo dos bombardeamentos maciços e dos gases asfixiantes, que insensivelmente se ingeriam, e que tantas ruínas produziram, *mesmo naqueles que inocentemente se julgam*

isentos deles... Guerra de posição, parecia eternizar-se numa perpétua imobilidade.

Era assim a guerra de 1914/1918.

A aviação fazia incursões tímidas e restritas nas zonas inimigas, raras vezes atacando as guarnições das linhas de fogo: ocupava-se, preferentemente, dos centros de industria de guerra⁽¹⁾ na retaguarda; localizava as posições inimigas para operações previstas, e regulava o tiro das suas baterias. Cinco aviões, alemães ou aliados, a esquadilha clássica, era a formação normal que se via na guerra — a transpor, ao anoitecer, as linhas do adversário, que logo intentava interceptar-lhe a rota ofensiva com a sua artilharia antiaérea.

Vivia-se por acaso — dizia-se lá — e morria-se por acaso.

Os entrenchamentos defendiam os combatentes dos estilhaços das granadas, mas não resistiam ao fogo da artilharia ligeira: eram um arremedo de defesa, aquelas construções sumárias feitas de sacos de terra sobrepostos. Os abrigos eram geralmente protegidos por uma folha de ferro.

Até que, na verdade, chegou um dia...

Veremos como isso foi...

Os bombardeamentos sofriram-se a pé firme, sem defesas possíveis, ao menos ilusórias. Era um transe indescritível...

A infantaria não tinha maneira de conjurar a provação amarga: esperava que ela se dissipasse, que Deus a levasse!

As coisas mudaram por iniciativa alemã. A Alemanha já não aguentava a ameaça de uma econo-

1) — A fábrica de Isbergues nas imediações de Sant. Venant, atraía a aviação inimiga, que ela tentava dismantelar e destruir, em noites seguidas.

mia extremamente exangue nem acreditava muito nas fanfarronadas dos seus exércitos e na clássica arrogância dos seus orgulhosos generais... após o desaire estratégico do Somme⁽¹⁾...

Queria acabar a guerra, a todo o custo...

Em Março de 1918 desencadeia uma furiosa e vasta preparação de artilharia e morteiros. Varre, desesperada e impiedosamente, as posições aliadas, portuguesas e inglesas, dia e noite, com artilharia de todos os calibres, sem dar uma trégua; flagela os acantonamentos, parques de viaturas e concentrações de tropas. As posições da artilharia portuguesa são referenciadas pela aviação inimiga e marteladas sem descanso, no propósito de um extermínio completo, e as suas castigadas guarnições já não param a precatar-se do enxame de estilhaços que uivam e sobrevoam os espaços das baterias.

São de espantoso horror, aqueles dias de Março. Ninguém repousa, ninguém pára. Na apetecida retaguarda, a vida torna-se, então, insustentável, como nas próprias linhas de combate.

Durante a noite, sente-se o inimigo *carpintear* já nas vizinhanças da sua linha mais avançada, a mudar e a empurrar materiais, a ajustar, com pressa, os seus meios de acção, sem cerimónia e sem recato.

O misterioso silêncio da vida habitual daquela guerra violara-se, agora, do lado inimigo com a

1) — Fosse como fosse, diz o eminente Coronel Senhor Vitorino Godinho em «Portugal na Grande Guerra» Vol. 11. — pág. 11 e 12 ao explicar a paragem da ofensiva alemã no Somme e o desvio dos acontecimentos militares para a frente onde deflagrou o 9 de Abril, o certo é que o Alto Comando Alemão, no fim de Março, não tinha ilusões, por mais brilhantes que tivessem sido os resultados tácticos obtidos, sobre as reduzidas vantagens de ordem estratégica da sua ofensiva no Somme, que ficaram muito aquém das suas previsões e da sua imperiosa necessidade. Reconheceu, por isso, que era indispensável aproveitar sem demora o desgaste produzido nos seus adversários pelos ataques de Março e a deslocação do centro de gravidade das tropas

ilusória consciência alemã de um domínio militar imediato e irresistível.

Os postos de escuta, as patrulhas e as guarnições dos parapeitos ouvem e intrigam-se com aquele *descaro*: cochicham, a fisgar vultos imaginários na *Terra de Ninguém*, os fantasmas da noite: inquietam-se, a adivinhar um espectáculo novo, grande como um temporal desfeito. Ouviam vozes estranhas de uma lingua rascante e desconhecida, por certo decisões e ordens nervosas, perdidas no escuro da noite. Revelavam tudo ao oficial subalterno que os comandava na primeira linha. Davam o alarme obrigatório e regulamentar ao seu comando imediato.

Preveniam o comando...

O pelotão segredava as notícias da colheita nocturna ao capitão, que as remetia para cima, a lavar dali as suas mãos... que queria bem limpas. E a informação subia, bem coordenada, toda a via oficial, até aos mais altos comandos e estações superiores.

Intermitentemente, o alemão ensaiava surtidas de infantaria, a sondar as defesas aliadas e a certificar-se da sua resistência: *apalpava a couroça inimiga* - a nossa armadura militar - bem castigada, já,

franco-britânicas para a região de Amiens para tentar noutro sector a batalha decisiva que a ofensiva de Março não lhe dera.

Esse sector só poderia ser a Flandres, para o que tinha sido estabelecido e estudado o plano de ataque... etc.

E, mais adiante, citando Hindemburgo e reproduzindo os seus dizeres, a propósito da decisão tomada para o ataque de 9 de Abril:

«A ocasião era propícia, o tempo estava seco e os ingleses tinham-se enfraquecido muitíssimo neste sector; a 12.^a Divisão, que dali tinha retirado para alimentar a batalha da Picardia, tinha sido substituída por outras, cansadas e gastas no Somme; além disso, imediatamente a sul de Armentiers, estavam entrecaladas duas D. I. portuguesas, ainda pouco instruídas na guerra moderna, e contra as quais um poderoso ataque por surpresa tinha todas as probabilidades de êxito».

Nós respondíamos ao ensaio alemão com ataques do mesmo estilo.

A infantaria de Portugal, *que nunca repousara*, perdia já as esperanças da sua merecida rendição. Estava condenada. O *Corpo Expedicionário* não capitulava vencido pelo esgotamento e pelo desespero, mas decaía na resistência física dos seus combatentes, que já adormeciam ao parapeito, que guardavam durante noites eternas, carregados de neve e inteiriçados de frio, a gemer saudades de *Portugal*...

E desesperados pelas promessas que lhes faziam e *se não cumpriam*, da concessão de licenças e da sua rendição.

Ao sacudi-los, a espevitar a vigilância descuidada, estremeciam, mal acordados, a defender-se com pressa: - *eu não estava a dormir*...

Maravilhosa mocidade lusiada, que ainda não quer dormir diante do inimigo que a espreita. E certo que algumas vezes o sono a dominou, mas logo acordava, a resmungar, resistindo sempre, a maldizer a sua sorte, que bem podia ser uma sorte melhor... Queridos mártires!

A preparação da ofensiva abrandou no fim de Março, e recomeçou em Abril, sempre espectacular, destruidora e desmoralizante, parecendo que o inimigo se empenhava em não encontrar nada intacto e no seu lugar, depois de ciclónico ensaio de devastação a que se dava com incrível fúria.

Era uma tormenta.

Já não precitava o trunfo inestimável da surpresa regulamentar da guerra. A artilharia portuguesa desabafava contundentemente, a responder ao adversário, que estava a dar a última demão à sua ofensiva de estilo, que era, como logo se viu, a enraivada ofensiva da fome alemã.

As defesas do sector esboroavam-se. Milagrosamente, a tropa de *Portugal* emergia daquele infer-

no, resignada e alegre. Espantosa resistência humana! Imcomparável infantaria!

Abençoada gente-minhota.

Saudosos e valentes irmãos de armas, heróis e mártires lá das bandas da Braga augusta! — pupilos de Nossa Senhora do Sameiro!

Em certa tarde daquele mês de Março, ao lusco-fusco, a trincheira encheu-se, inesperadamente, com os homens de uma unidade, que ali chegava, a reforçar-nos, sem que o apoio amigo lhe fosse requerido. Mas o alto comando português é que o não descurou, tão vigilante e atento como os primeiros e mais próximos combatentes das linhas de fogo, na previsão de que o ataque geral do inimigo irrompesse, de um momento para o outro — precipitando a guerra numa ofensiva de envergadura, como se esperava.

O querido *Vila Chã*, companheiro inseparável das más horas da odisseia comum, enviou-me, em seguida, para junto do aspirante que se achava na *1.ª linha*. E o aspirante não pedira nem precisava qualquer tutela. Os oficiais da companhia recém-chegada ouviram a ordem e olharam-me com pesar, porque conheciam os riscos daquela linha de sacrifício, *solar e avenida dos alferes de infantaria* — como era conhecida.

Foi na tarde sombria de um dia de intenso fogo da artilharia inimiga, que fazia prever, de seguida, uma acção vasta das suas divisões, em combate generalizado, que não se verificara ainda dessa vez.

No dia *oito* de Abril, ao anoitecer, perdi, subita e incompreensivelmente o meu habitual e saudável humor. Não serenava. Andava inquieto, pouco menos que implicativo. Parecia envelhecido de muitos anos, rabujento e intratável.

No abrigo, o capitão mexericava com *uns* papéis que o enervavam. Arrumava e *desarrumava* aqueles

papeis. O mal-estar comunicava-se, pegava-se. Nessa noite, abrandou a tempestade que durante o dia flagelara as linhas, despejando sobre elas obuses de todos os calibres, parece que a iludir o nosso mau presságio, à semelhança da euforia que precede a morte de certos enfermos. Eu presentia a catástrofe como certas aves os temporais e as espectaculosas anormalidades atmosféricas, a que são antecipadamente sensíveis.

Pela noite adiante, caímos sobre as tarimbas do abrigo sórdido como um covil de malfeitores. O sangue latejava nas veias, e certa brotoeja picava-me a pele.

Tudo, de mau agoiro.

— *Não dorme?* — perguntou o capitão.

— *Também o capitão não tem sono?*

Nenhum de nós respousava... Inexplicavelmente...

Por volta da meia-noite, um mensageiro da rectaguarda entrou no abrigo, pé ante pé, segundo a *ordenação* daquela guerra, ou o seu estilo, e entregou más notícias. O Capitão recostou-se na tarimba, acendeu a *sua* vela, abriu um envelope volumoso, e leu ordens detalhadas e minuciosas, muito concentradamente. Não respirava nem pestanejava, bem chegado à luz oscilante da vela, que soltava sombras voláteis que bailavam no seu rosto impenetrável e severo.

Eu seguia a leitura séria, que retesava a pele do seu semblante duro, que se ia vincando e tomando a palidez brilhante e anémica do tísico.

Que diriam os papeis confidenciais, trazidos da rectaguarda àquela hora adiantada da noite?

Desejava sabê-lo.

Maldita Guerra!

Então, em voz quase secreta, *como de amigo para amigo*, Vila Chã confidenciou, após a leitura nervosa: *um batalhão inglês, à nossa esquerda, vai atacar a linha alemã às quatro horas da madrugada. E como*

estes cavalheiros sempre atiram para os lados, — acrescentou—vamo-nos levantar...

Parecia falar consigo mesmo, ou sonhar alto, dentro do seu fojo escuro e soturno, a olhar fixamente aquela ordem volumosa, preso dela como um adesivo. Lia, e meditava...

Eram as más notícias do mensageiro da rearguarda... Levantar, pouco era: era só escorregar da tarimba para o chão. Assim nos levantávamos.

O mensageiro desapareceu no negrume da noite tenebrosa, como um malfetor... que se escapa depois da façanha criminosa, a coberto das sombras.

Fóra do abrigo, o nevoeiro era impenetrável. As trincheiras estavam agora tão silenciosas como uma catedral fechada.

Terrível silêncio, misterioso silêncio.

Parecia que a guerra repousava e estava a passar pelo sono...

Uns olhos se não fechavam: *os nossos olhos* - tomados de uma espertina excitante.

O capitão lia e relia aquelas ordens *miúdas*, numeradas e intermináveis.

As lunetas não se aguentavam com firmeza sobre o cavalete do seu nariz delgado, e ele acudia a ampará-las com mão trémula e nervosa. Parecia decorar as notícias oficiais, porque não levantava os olhos dos papeis odiosos. Querido Capitão! Santo Parceiro!

Aquele silêncio pesado das trincheiras, em horas seguidas, infundia terror. Era um mau presságio.

Porque era tão demorado aquele silêncio, em plena guerra?

Desconfiava daquela quietação mortal. O nevoeiro engrossava e repassava o fato como uma maresia densa e pastosa. Não se ouvia uma voz, não se sentia um ruído, um sinal de vida. Tudo parecia morto e sepultado, já, no campo de batalha!

Parecia...

Aguardava-se o ataque britânico.

Mas a trincheira continuava a dormir profundamente, como num repousante armistício.

As quatro horas da madrugada, os ingleses não atacavam.

Porque não deflagrou o anunciado ataque britânico?

Meia hora depois, rebentamentos súbitos e violentos atroaram todo o sector como um trovão monstruoso saído dos arsenais do inferno. A terra estremeceu. O mundo das trincheiras ficava agora bem acordado!

Eram os Alemães que atacavam numa frente imensa. O bombardeamento progrediu logo com furiosa intensidade. O ataque era iniciado com desusada impetuosidade, a revelar uma luta gigantesca e homérica.

Lembrava o terramoto do *Somme*, que ainda fumegava...

Mal se ouvia o deflagrar dos obuses portugueses no fragor do duelo que se estava travando entre as armas pesadas dos adversários, e que só parecia o rolar continuo de uma montanha de ferro e o safanão de um sismo gigantesco. Mas lá se ouviam, *sumidos*, agonizantes, no meio daquele temporal, enraivados e desesperados, chegados à sua iminente e gloriosa capitulação.

Abençoada e valente artilharia de Portugal.

Nas primeiras horas da ofensiva alemã, a artilharia portuguesa respondeu ao ataque com tal ardor, que não chegava a saber-se de quem era a iniciativa da operação que estava decorrendo.

Perguntávamos, no abrigo: *é de cá para lá, ou de lá para cá?* — o ataque.

Parece de lá, para cá; agora, parece de cá, para lá. Só abrandou na vivacidade do contra ataque quando tudo se lhe esgotara, até à total eliminação dos meios de defesa.

Bem chegado a ela, durante quase toda a campanha, e à sua frente, nas linhas avançadas de infantaria, estou bem titulado para reproduzir, com independência e com justiça, a impressão que me deixou, na batalha do *Lis*, a valente e sacrificada artilharia portuguesa, solidária e amiga dos irmãos infantés, que apoiava, sempre vigilante, sempre acordada! — de ouvido à escuta.

Mal se requeria o seu apoio no angustioso *S. O. S.*, logo as granadas portuguesas uivavam por cima das nossas cabeças, a flagelar o inimigo, a contê-lo e a destroçá-lo. E a infantaria, lá em baixo, no seu purgatório, abençoava os inseparáveis irmãos artilheiros.

Vila Chã comentava, quase de si para si: *isto é muito sério!* Começou a rásgar papéis que não queria em mãos inimigas. Mau agoiro... Era, na verdade, a grande e anunciada ofensiva alemã. Era sério, aquilo, sem dúvida.

A batalha decorria numa frente incalculável. Mil e quinhentos canhões inimigos despejavam metralha sobre os onze quilómetros⁽¹⁾ do sector português, além dos milhares de morteiros — pesados, médios e ligeiros...

A esta poderosa concentração de fogo inimigo, opunha o nosso sector, *setenta e seis peças de campanha e desasseis obuses.*

Ao subir, já prisioneiro, o outeiro de *Aubers*, todo o campo do lado alemão parecia ponteadado de artilharia. Fui dos poucos que se recusaram admitir a transferência da artilharia inimiga da frente por-

1) — Nunca excedeu quinze quilómetros.

tuguesa para o *Somme* — como se pretendia, por vezes.

Muitos militares viviam enlevados nessa delictável convicção...

A depauperada e reduzida infantaria portuguesa foi atacada naquele memorável combate, por oito divisões alemãs. Na frente portuguesa, apenas *uma* se lhes oponha, *gasta e consumida, cansada, bocados dela...*

A terra resfolegava sacudida por milhares de poderosas detonações, que a faziam abanar. A cerração era completa em todo o sector. Nada se via, fora do abrigo. Os estilhaços cortavam o espaço com gemidos lúgubres. Dentro do abrigo vivia-se a expectativa ansiosa de um empastelamento iminente e de uma sufocação. Meia dúzia de combatentes estavam ali conosco. Perdia-se a consciência da vida e do seu alto preço, naquele vasto terramoto promovido pelo génio militar de uma raça orgulhosa e forte, que atirava ao ar o seu último e desesperado desafio nos estertores da capitulação certa que a ela, também, já palpitava, decepcionada com o malôgro estratégico do *Somme*.

As comunicações ficaram logo cortadas, e as unidades da frente isoladas do comando da brigada. As estafetas, só por milagre chegaram ao seu destino.

Entretanto, chegou ao abrigo um cabo de infantaria 3⁽¹⁾ a anunciar o reforço da sua companhia, em marcha para as trincheiras.

1) — Era um remediado proprietário do Minho e viajante de uma casa de chapéus do Norte. Mil vezes nos perdemos, aqui na Beira, a rememorar os lances dramáticos da batalha de 9 de Abril, como dois irmãos de armas... Hipólito Nogueira, era a graça deste valente soldado do Minho, que me parecia a personificação da honra e do valor militar, o exemplo da valentia escondida, que poucos devem ter apreciado por via da sua modesta patente militar.

Sei que já não é do número dos vivos. Penalisa-me sabê-lo.

Como foi possível chegar, ali, aquele valoroso rapaz?

Chegou e retirou, para voltar, pouco depois, a dizer que a sua unidade ficara desmantelada na estrada de marcha, e que não contássemos com o seu anunciado apoio. E a tempestade continuava, violenta como uma catástrofe. Os feridos não podiam ser socorridos. Não se sabia deles. Nem quantos seriam...

Não sei que merecido galardão se outorgou àquele moço da *Brigada do Minho* — de matações eriçadas e rudes, sua insígnia de corpo na Campanha de França.

Não sei.

Sei que foi, naquela treva diabólica, naquele vendaval de fogo, onde tudo parecia sacudido e sublevado por um gigantesco sopro de loucura, um destemido soldado da afamada e gloriosa *Brigada do Minho*, da minha votiva e enternecida lembrança.

Irrupendo por entre o inferno daquele memorável bombardeamento, que semeou cruces anónimas, sem conto, por cima de covais desconhecidos e razos, o intrépido minhoto cumpriu, com admirável audácia e desusada valentia, uma missão extremamente árdua, esquecido da vida que jogou em cada passo que arriscava, teimoso, na ida às trincheiras e no regresso à sua unidade, em dar por finda a diligência penosa que lhe tóra cometida pelo seu comandante.

Isto sei eu - sem contestação.

Soube viver, entregue a si mesmo, com uma alta e inexcédível dignidade cívica e militar, as horas aflitivas e grandes do último acto daquele espectacular grandioso, ocorrido na brumosa madrugada da batalha de Flandres, uma tormentosa madrugada, para sempre registada na História de Portugal.

Lembra-me a sua coragem, humilde e simples,

como se fosse há dois dias que ocorressem os momentos altos da expedição portuguesa à terra bendita da França. Fogem-me da memória episódios de ontem, mas não me saiem da cabeça, como uma ideia fixa, detalhes de há 40 anos!...

Foi um honrado e valente soldado.

Depois da guerra a sua vida profissional foi também um exemplo de honradez, inalterável e firme.

Se nenhum galardão a *Pátria* lhe outorgou, a todo o tempo é tempo...

Reclama-o a sua memória venerável e a sua condição militar humilde.

As horas decorriam angustiosas - e o ataque redobrava de fúria à medida que o tempo passava.

Os animais, nos parques, estabeleciam uma desordem que desorientava os seus tratadores: uns, agonizavam; outros, em debandada, golpeados pela metralha inimiga e a pingar sangue, fugiam espavoridos e loucos.

Os comandos das brigadas não sabiam dos batalhões. Estes não podiam comunicar com aqueles comandos. Algumas estafetas ainda chegaram ao seu destino, e voltaram, tão sufocadas que não podiam referir as notícias que traziam.

Quando tudo parecia anunciar o abrandamento próximo das milhares de detonações que revolviam a terra e a faziam estremecer, logo o bombardeamento recrudesceu com mais forte impetuosidade, sem dar um descanso, um alívio - ao menos momentâneo.

O transe incomparável e indiscriminado, aquela tempestade passada na escuridão cerrada da noite, dentro de um abrigo que parecia abater-se sobre nós, abanado pela violência das detonações, tudo isto se aguentava e sofria a pé firme, sem luz que a máscara reduzia, sem acção e sem liberdade, na

desesperada imobilidade do homem algemado e cego.

Este transe não se descreve.

E os homens? Viviam ainda? E os oficiais? Onde estavam?

Em certo momento o inimigo desencadeia uma barragem rolante extremamente vigorosa, alongando o tiro dos seus obuses para a nossa rectaguada, com dois intuitos evidentes: *aniquilar os reforços aliados, e abrir caminho à sua infantaria de assalto, que não marcharia sob o seu próprio fogo.*

Despeja caudais de ferro a varrer as comunicações e vias de acesso às linhas aliadas; bate com extrema violência, que redobra a todo o instante, as posições já flageladas das baterias portuguesas, que agonizavam, e mistura, na balburdia atroadora das detonações das suas potentes granadas, gases asfixiantes, agora em quantidade, que imobilizam os combatentes de cá, chumbados à inibição da máscara que têm bem afivelada ao rosto.

Ficam impotentes e imobilizados.⁽¹⁾

Simultaneamente, a infantaria alemã inunda o campo e lança-se ao assalto final, em vagas e vagas sucessivas.

Muito jovens, alguns soldados alemães; outros pareciam já da reserva territorial.

Mas a arremetida dos soldados da *Germânia* apenas topa sombras e fantasmas, que ainda fizeram morder com raiva aquela terra sagrada aos assaltantes, naquele instante supremo-o último instante.

Parecia uma milagrosa ressurreição da gente lusiada.

1) — Quando um oficial inglês descrevia os horrores da Batalha do Somme, respondeu a um camarada português, que lhe perguntou o que fazia durante aquele ataque: «chorava e rezava!»

Era quanto podia fazer: chorar e rezar...

Estão ali os alemães, anunciou um soldado de Vila Chã.

Abandonamos apressadamente o abrigo.

Eram 9 horas. Postei-me à entrada da trincheira de comunicação.

Um cabo manobrou com ligeireza uma metralhadora que cuspiam balas, sem cessar, para cima dos alvos quase invisíveis, que se arrastavam com mil cuidados, à nossa frente.

Os soldados inimigos moviam-se cautelosa-mente, protegidos pelo nevoeiro denso, hesitantes, às apalpadelas. Estendiam-se bem sobre o terreno, a confundir-se com ele, a desconfiar da sua sorte; levantavam a cabeça, que logo baixavam, a abrigar-se de novo. Outros alemães contornavam o nosso reduto com iguais cautelas.

Cumpriam os preceitos do avanço e do assalto regulamentares, mesmo *por instinto.*

As baías matam...

Não contavam com a resistência da infantaria portuguesa, que julgavam sepultada sob os entinchamentos revolvidos pelo seu bombardeamento de cinco horas... eternas

Um soldado português, com a sua escrupulosa bondade, não sabia se eram portugueses ou alemães alguns vultos cobertos de nevoeiro espesso. Recomendou-me *que atirasse sem demora.* Aquela metralhadora calara-se. O seu atirador abandonara-a fortemente tocado pelo fogo da infantaria assaltante, que então julgou finda a resistência do histórico reduto de Vila Chã.

O capitão empunha-a, depois, com decisão nervosa; mantém firmemente a defesa, e anima os seus dois ou três fantasmas, para, em seguida, cair, também, ferido num braço, que se inunda de sangue. O meu impedido fôra morto pelos estilhaços de uma granada de mão que o apanharam em cheio, no peito, caindo de borco sobre o terreno. Recomen-

dei a dois soldados que ligassem o braço do capitão. A infantaria alemã acudiu, logo, de todos os lados. Era o fim... da primeira odisseia - o início de outro drama, um drama novo, também muito surpreendente...

Terminara, para nós, o combate...

Era o fim, ali, o fim do bastião português mais avançado da guerra.

Devia haver exemplos isolados de valentia. Se houve! Mas nem sempre terão sido galardoados com a justiça que reclamavam e mereciam. É grato aos meus anseios de verdade histórica publicar nestas breves notas da guerra, um nome que nem sempre alcançou o título destacado a que lhe deu direito o seu comportamento militar exemplar: *Coronel Comandante da 6.ª Brigada - Felisberto Alves Pedrosa*.

Quando tudo parecia já perdido, e estava, cercado por mil desgraças e mil destroços daquele cataclismo, o velho militar, sempre aprumado, altivo e vertical, encarando os oficiais da sua brigada - concedeu-lhes liberdade para procederem como bem lhes aprouvesse, naquela conjuntura, na certeza de que ele, comandante, ali se conservaria, fossem quais fossem as consequências da sua resolução, diz o segundo comandante daquela brigada, *Coronel Alexandre Malheiro* (1). O facto é bem conhecido.(2)

E os oficiais — todos — seguiram o seu glorioso chefe, a caminho do exílio, podendo ter retirado para a retri-guarda, que os havia de tentar naquela hora de suprema angústia. *Alves Pedrosa* — foi um chefe! — bem digno dos oficiais que o seguiram para o frio desterro.

1) — Da Flandres ao Hanover e Mecklembourg — pág. 107.

2) — Também o autor ouviu referir, em Portugal, a *Alves Pedrosa*, quando glorificava os oficiais seus subordinados, e muito envaidecido deles, em certa noite, na estação de Paialvo. Tomar, à passagem do cadaver do Dr. António Granjo para a sua terra natal.

Um soldado inimigo, *duro e maduro*, de bigodes abandonados e pendentes, pouco *prussianos*, foi o meu captor.

De pé, em cima do abrigo, numa inconsciente e estranha abstração, a olhar fixamente para sítio indeterminado, o primeiro sargento da companhia, fora de si, estava a ser alvejado por um jovem militar, rosado e *imberbe*. Chamei-o, com pressa, e a espingarda alemã desceu, condescendentemente, ao lado do atirador ajoelhado em terra a perpetrar aquela façanha escusada e fácil.

Sob custódia inimiga, derrotado, já sem liberdade, abandonei a segunda linha e segui com os retalhos humanos que se apuraram do balanço da tragédia que findava. *Vila Chã*, pensado à pressa, ficou onde caíra, ao desamparo, de olhos cerrados e lábios comprimidos, lívido e inerte. Eu caminhava e pensava nele — *convencido da sua morte certa*.

Por Deus, enganei-me.

Ao chegar à primeira linha,(1) um oficial alemão de grande estatura, muito novo, bem equipado e bem espalmado de borco sobre o terreno, encontrara lá o seu fim glorioso, tanto como os nossos mortos, que, *ali perto* — na mesma terra úmida ou debaixo dela, haviam soltado o último sopro da sua vida atormentada e infeliz.

Observei, por um momento, o entrincheiramento português, parando e olhando para traz, para a segunda linha. Tinha sofrido tal mobilização de terras nas cinco horas seguidas do bombardeamento alemão, que tudo se me afigurava, somente, entulho de demolições gigantescas e catastróficas, que pareciam fumejar no rescaldo da batalha que findava.

1) — Assisti ao combate na 2.ª linha, trezentos metros atrás da linha mais avançada.

Assim ficaram as defesas aliadas na pulverisação final.

Onde estava a valente infantaria do 8 de Braga, tão afoita como boa? Onde estavam os oficiais, irmãos queridos da guerra, companheiros noctívagos da treva, essa gente moça e alegre, de bravura ignorada, que viveu, sem alarde, as grandes horas da luta?¹⁾

O campo de batalha, agora adormecido, engolira aquela nobre e corajosa juventude minhota. Era um cemitério, um descampado, um vasto solar de fantasmas, de almas do outro mundo...

Tenho saudades dessa querida juventude, do Manuel, meu impedido, dócil e amigo. Mil vezes os recorde a vê-los, junto de mim, sobre as passadeiras escorregadias da *Ferme du Bois e Laventie!* — a sofrer a mesma nostalgia, e a verter as mesmas saudades de Portugal!

Queridos mortos! Queridos soldados!

Fui seguindo com aqueles salvados humanos, derreados, aturdidos e abstratos. Um deles, o atirador da metralhadora, pingava sangue.

Estava horripeladamente lacerado. Um enfermeiro alemão, fez-lhe um tratamento sumário — e útil.

Na primeira linha alemã, em seguida, a soldadesca prussiana fugia, de escantilhão, ao longo dela

1) — Vivem ainda estes poucos e queridos irmãos de armas do Batalhão de Infantaria 8, expedicionários da *Ferme du Bois e Laventie*, aqui referidos com as patentes que tinham na guerra: tenente Graciliano Marques, Crispim Soares Gomes e Malaquias de Sousa Guedes; alferes Carlos Malheiro, Rebelo Branco, Diogo Correia, Passos Lomba, Augusto José Machado, Nunes de Carvalho e Manuel Joaquim Domingues — soldados de uma epopeia ignorada ou esquecida — sacrificados sobreviventes da valorosa Brigada do Minho — sombras de gente, como tristemente vi com os meus próprios olhos, em 10 de Abril do corrente ano, isto é, 40 anos depois, de coração apertado, na missa que ouvia em Braga, no Saimeiro, por alma dos irmãos de armas já mortos.

Isto é fundamente doloroso!

como numa retirada, a escapar-se aos projecteis da artilharia portuguesa, que ali explodiam. Eu confundia-me com eles, a livrar-me, agora, do... fogo amigo. Que ironia!

Era a guerra de 1914/1918, ali no sector de *Laventie*...

Um alferes alemão, empinado como uma viga, emergiu de um abrigo poderoso da sua primeira linha, construído em cimento, muito profundo, a praguejar o que quer que fosse. Recolheu de novo a sua moradia de campanha, mal humorado. *Grunhia*, a saltar os degraus da escada, para o fundo do abrigo.

Bem junto de um cavalo desventrado, outro oficial prussiano, amarelo como oca, também lá dormia o sono eterno, de boca escancarada e face virada ao céu. Parecia rir com sarcasmo, ... satânicamente.

No outeiro de *Aubers*, que fomos subindo, sob o olhar de esconso e curioso do soldado captor, oficiais alemães de artilharia, montados nos seus cavalos, *cachimbavam* com desdenhosa importância, atirando ao ar fumaças cheias e arrogantes, a saborear a vitória do primeiro encontro das suas armas, ali no sector de *Laventie*.

Intermináveis formações de infantaria alemã, de cachimbos apertados nos dentes, encimadas por capacetes de ferro achatados sobre as orelhas, estavam prontas a marchar no desenvolvimento da ofensiva iniciada durante a madrugada. Aguardavam, por ali, firmes e confiantes...

Aquela soldadesca bem entroncada, estranho sortido de velhos e novos, enroupados com o seu uniforme esverdeado, alinhados ao longo da sua formatura numa extensa fila seguida de *cachimbos*, que fumegavam, contrastava com os nossos homens, consumidores de cigarros ligeiros a arder na ponta dos seus dedos secos e magros.

O conjunto daquela formação impressionava. Era uma coisa nova, para mim, um espectáculo bé-

lico de uma raça forte e militarista, cheia de força, arrogante, inchada de orgulho alemão.

E o calvário seguia para a Alemanha com os seus imprevistos e emoções.

Não se sabia como acabaria o calvário que ali começava.

A ofensiva de 9 de Abril deflagrou em condições penosas e estranhas: *como se não fosse esperada*. Foi uma escusada tragédia de que o *Alto Comando Aliado* teve inalienável culpa. A infantaria portuguesa punha o seu comando superior ao corrente dos preparativos alemães. O *Estado Maior Português* estava atento. Tão atento, que não oculta ao general *Mordacq* as suas apreensões, quando este oficial general da França acompanhava *Clemenceau* ao «front» português.¹⁾ Cumpriu, pois.

As informações da frente não recolheram aos arquivos silenciosos do *Quartel General Português*, para lá dormirem um sono eterno. E não dormiram.

Todo o Corpo Expedicionário velou pela honra de Portugal: nos *Altos Comandos Portugueses*, e no último reduto das trincheiras ocupadas pelos serranos das províncias da *República*.

O *Alto Comando Britânico* terá já respondido, em consciência, pelo seu erro de visão, perturbado como se mostrou com os sucessos do *Somme*, que lhe não deixaram ver claro, extensivamente, o que estava a passar-se, por forma alarmante, na frente *portuguesa e inglesa da Flandres*.

As informações não o estimulam, nem convencem, e elas eram bem alarmantes. Mas o *Somme*...

Aquela gigantesca arremetida alemã do *Somme*...

1) — Veja-se a este respeito o Boletim do Estado Maior da 2.ª Divisão Portuguesa incerto a pág. 19 — Volume. 2.º de «Portugal na Grande Guerra» e o mesmo Vol. a pág. 14 — nota n.º 2.

Surpresa o 9 de Abril?

Não o foi para os soldados de *Portugal*, que bem sabiam o que ia acontecer. Mas o seu destino estava condenado pelo desvario político do país e pelo equívoco do *Alto Comando Britânico*. Foram estas forças convergentes que esmagaram a expedição *portuguesa à França*.

De pouco lhe valeu o seu ardor, nem nos últimos minutos do combate glorioso, a suprema provação. Estava condenada! Mas salvou a honra das armas portuguesas e o nome de Portugal. Ninguém o contestará.

Aquelas forças negativas haviam-no condenado — sem remédio.

Tudo anunciara essa poderosa acção alemã contra o sector *português e inglês*, da Flandres. O mês de Março foi um aviso sangrento. A artilharia inimiga já mandava as suas granadas até *S. Venant*.

A artilharia portuguesa, por seu turno, tentava desarticular o esforço Alemão, martelando os seus dispositivos, durante algumas noites, com dura intensidade, a flagelar as concentrações inimigas escalonadas previamente para a acção de envergadura que foi a batalha do *Lys*, mais conhecida, entre portugueses, pelo 9 de Abril.

Nos dias 8 e 9 de Março, a artilharia do *C. E. P.* lança sobre os escalões inimigos um caudal de metralha, durante 5 horas, da parte da madrugada.

A ofensiva alemã andava bem anunciada.

Os órgãos de informação das tropas não descuraram a sua missão: *cumpriram-na*; os comandos superiores da expedição portuguesa deram-lhe o apreço que mereciam: *cumpriram*.

«Em frente da grande acumulação de informações sobre os movimentos anormais do inimigo fornecidas pela Divisão e colhidos pelos elementos de informação próprios do Exército, todas elas assustadoramente convergentes, o Comando inglês deu, finalmente, conta do perigo...